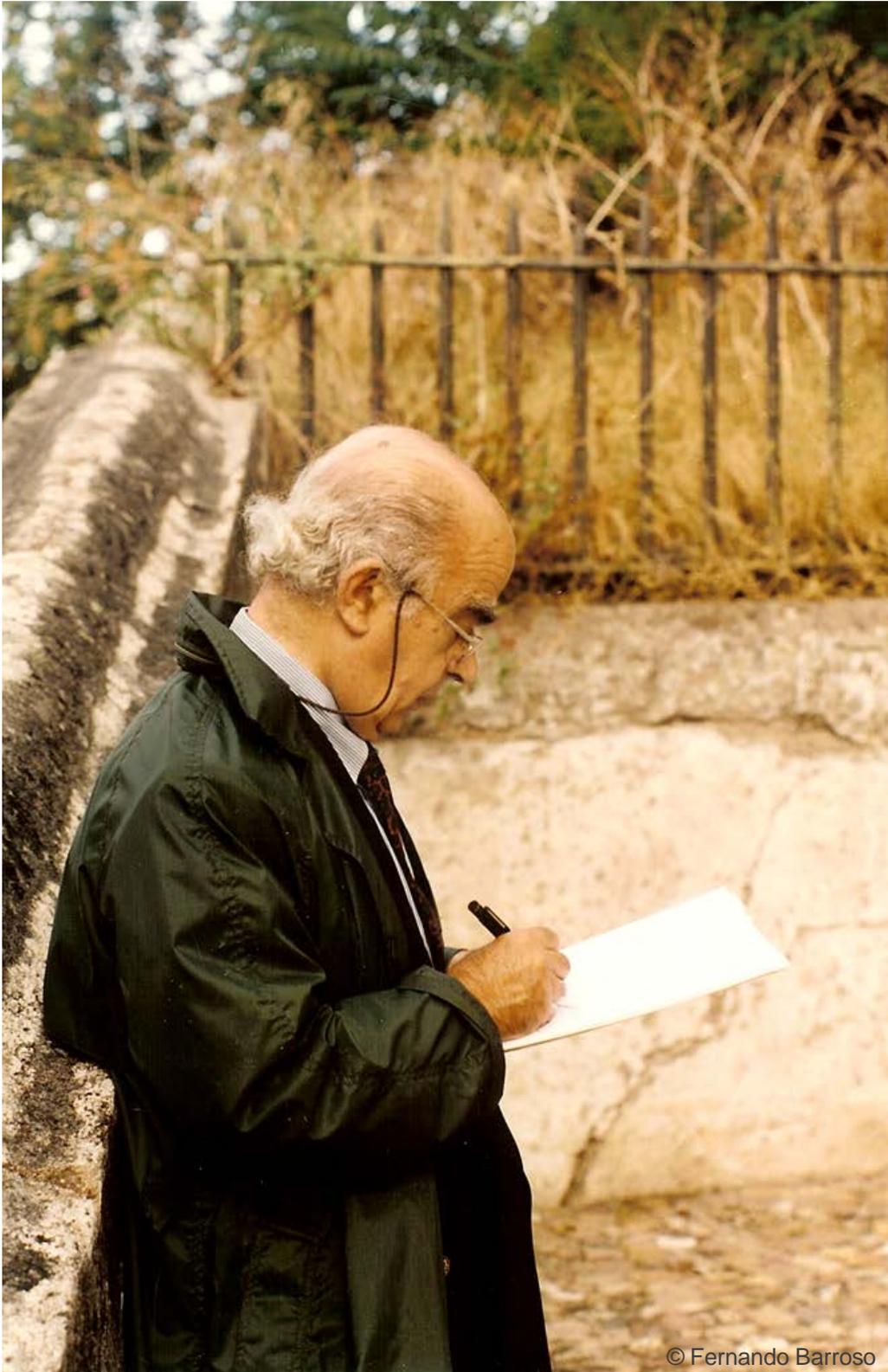


CASA EM PARDELHAS

O Desenho Eclético de Fernando Távora na Arquitectura Popular

















CONTEXTUALIZAÇÃO
Movimento Moderno
Perspectiva Portuguesa

“Depois da *Segunda Guerra Mundial* viveu-se um momento chocante porque existiam lugares por edificar e urbanizar, como era o nosso caso [Portugal], que se encontravam na mesma situação de cidades que tinham sido destruídas pela guerra. Para uns e para outros a construção era fundamental (...)”

“Ao analisar os nossos problemas, o nosso pequeno mundo, vimos que existia uma certa coincidência entre o que os ‘arquitectos modernos’ propunham e o que nós necessitávamos.”

“Estávamos a tentar entrar no mundo moderno por uma porta real, sem teorias” (...) “A pobreza justificou o interesse pelo Movimento Moderno.”

“Enquanto que na Europa se desenvolvia a arquitectura internacional, uma certa generalização das bases do Movimento Moderno, Távora fazia um recuo. O Moderno parecia-lhe fundamental, era necessário repensar a arquitectura, mas considerava também que as culturas locais não podiam ser esquecidas. Não ia, de forma alguma, começar a importar arquitectura. Ele tinha a consciência de que se não conhecemos profundamente o nosso País não conseguimos operar nele e daí nasce em 1945 (o ensaio) *O Problema da Casa Portuguesa.*”

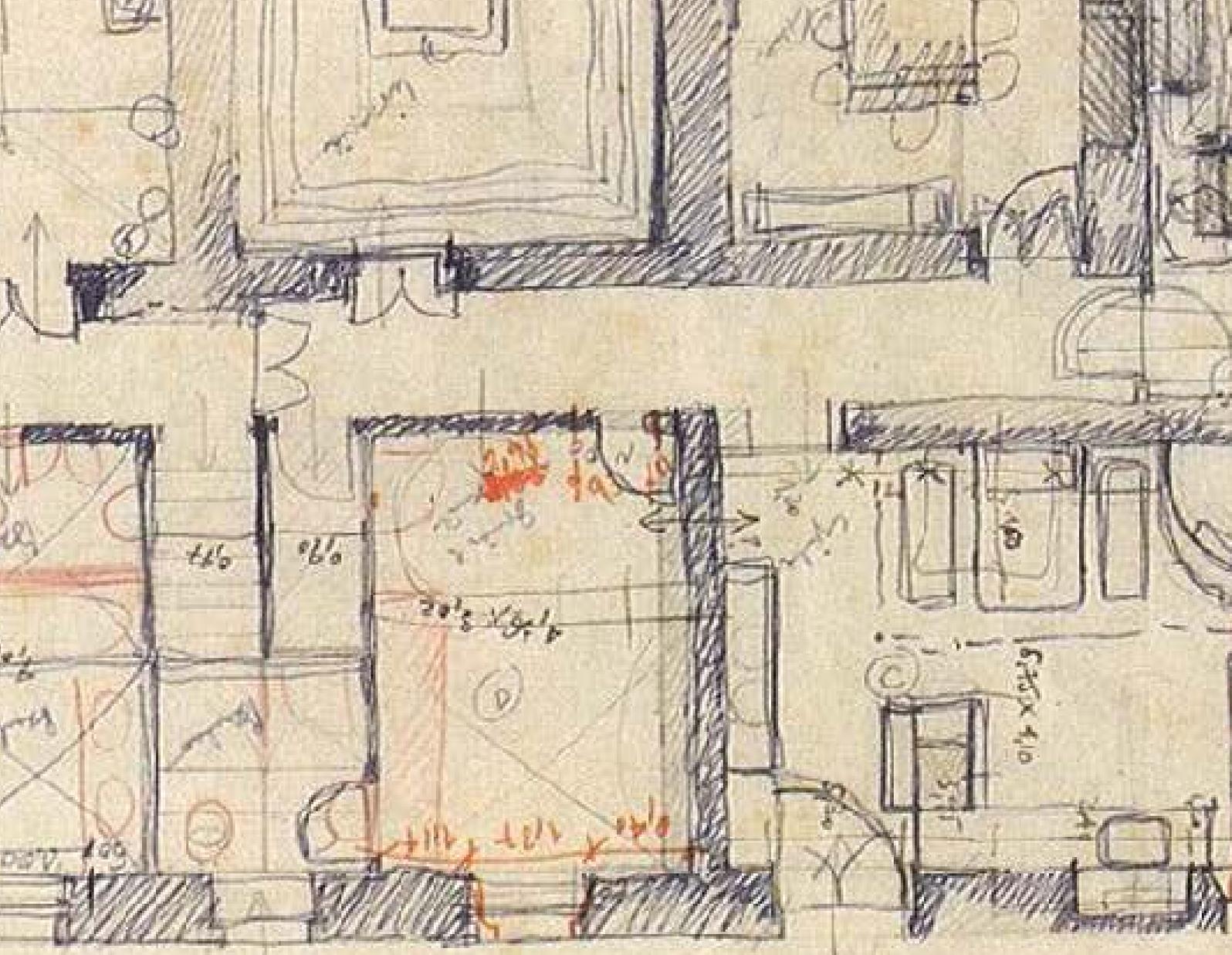
PACHECO, Pedro, *Entrevista a Pedro Pacheco*, Lisboa, 4 de Junho 2010, (em anexo p.171)

“... as casas de hoje terão de nascer de nós, isto é, terão de representar as nossas necessidades, resultar das nossas condições e de toda a série de circunstâncias dentro das quais vivemos, no espaço e no tempo.”

TÁVORA, Fernando, “O Problema da Casa Portuguesa”, in *Cadernos de Arquitectura nº1*, Lisboa: Manuel João Leal, 1947, p.9

Arquitectura de arqueólogos

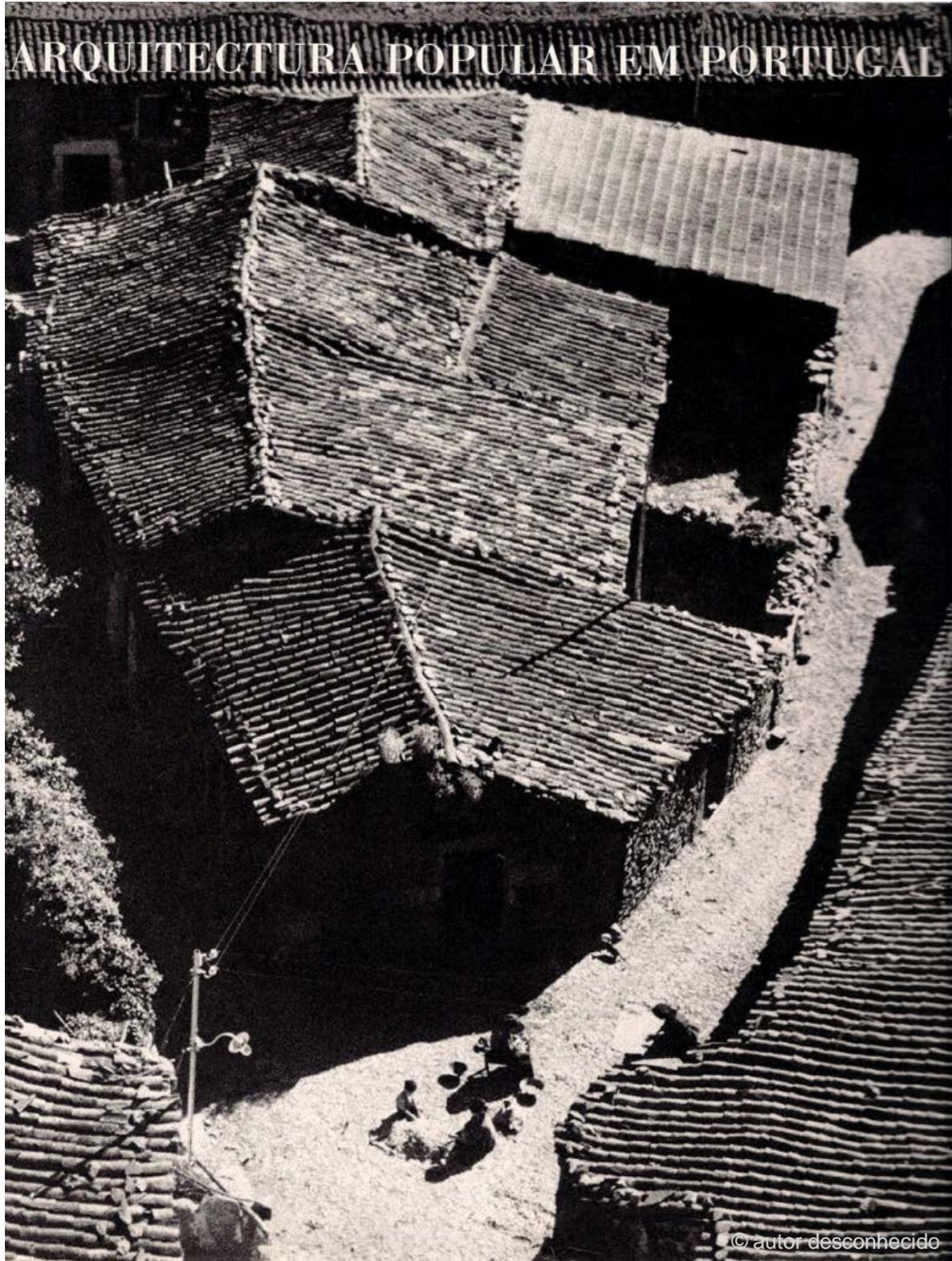
Movimento Moderno



5' - 0" / 3' - 0"

na a face - 7'0" x 3'0" < A
 eja - 2'0" x 1'0" C

ARQUITECTURA POPULAR EM PORTUGAL



CONTEXTUALIZAÇÃO

Análise cronológica das Obras

Dos anos '50 aos anos '70

Valores do Movimento Moderno
Internacional e os princípios da Arquitectura
Popular



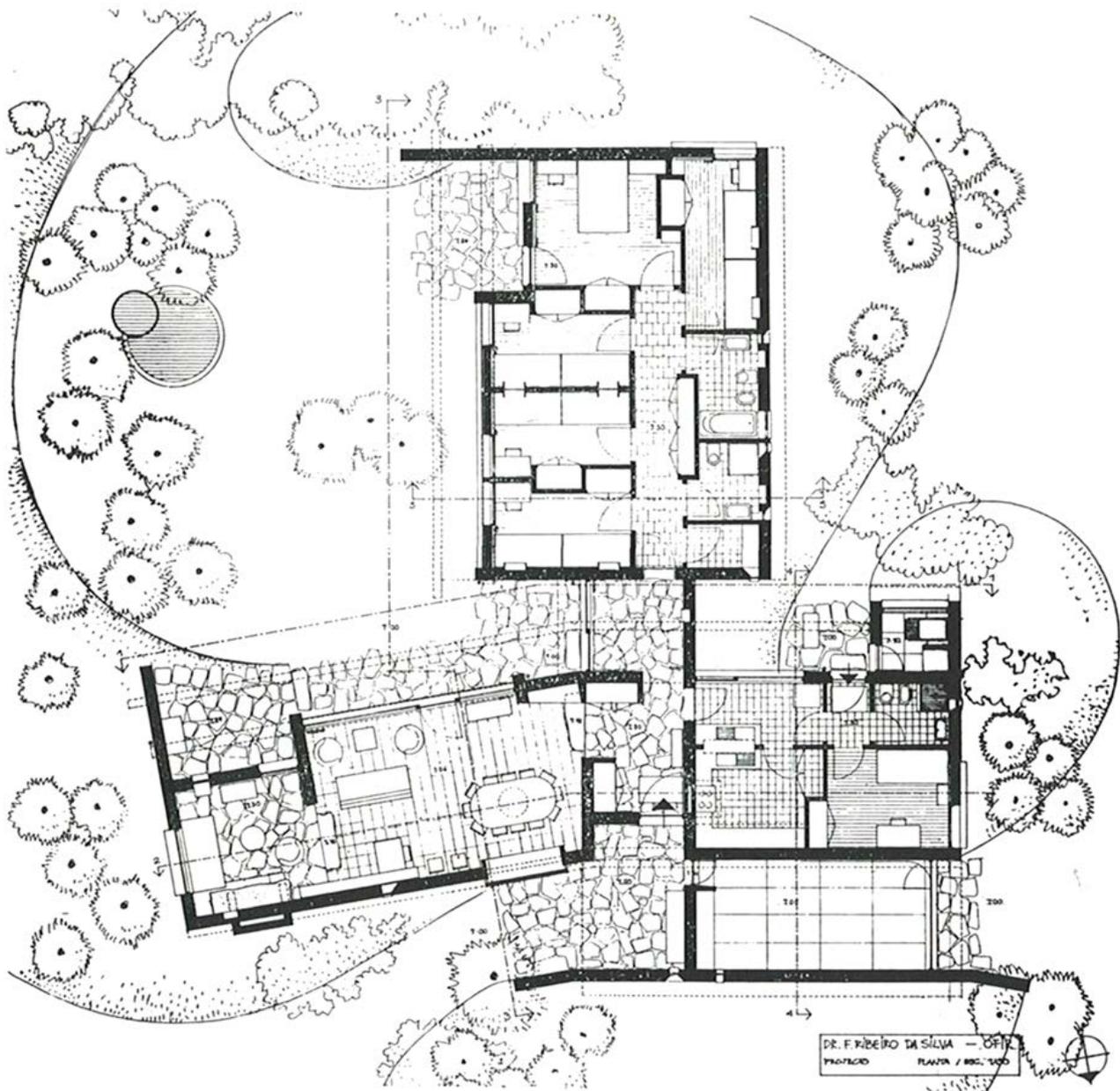
Mercado de Santa Maria da Faria (1953-1959)



Pavilhão de Ténis na Quinta da Conceição e (1956-1960)



Quinta da Conceição
(1956-1961)



Casa de Ofir (1957-58)

Anos '70 aos anos '90

Intervenção no património revela a
importância da História

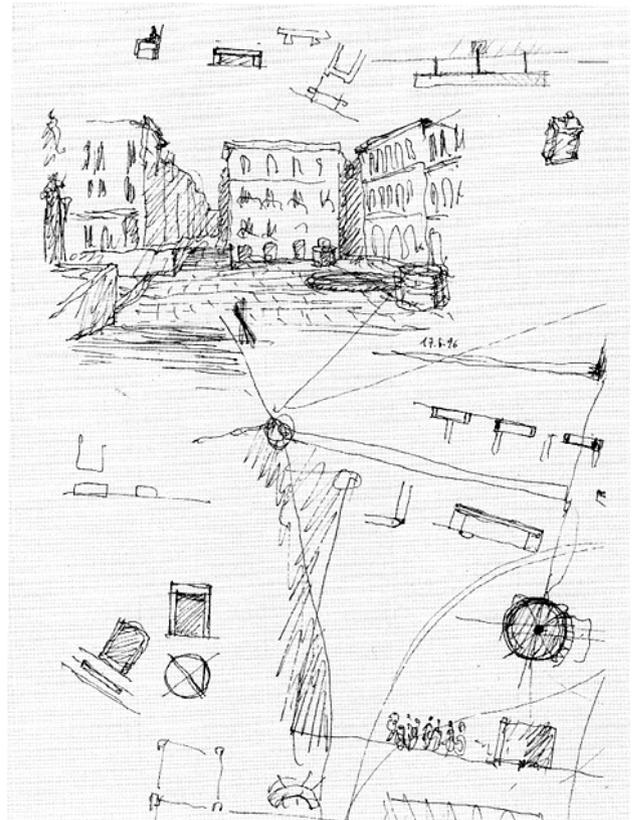
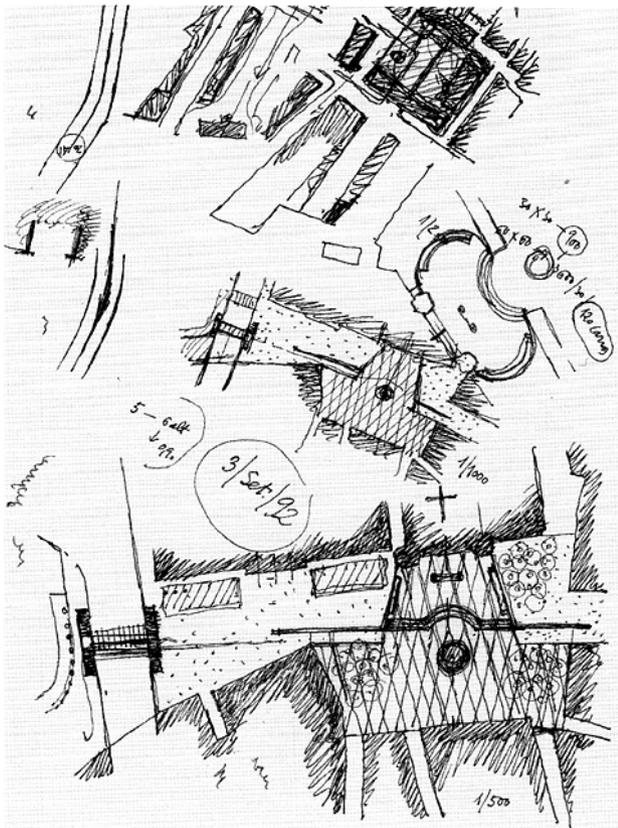


© Alessandra Chemollo & Fulvio Orsenigo

Casa da Covilhã (1973-1976)



Convento de Santa Marinha da Costa (1975-1984)



Praça 8 de Maio (1993-1997)

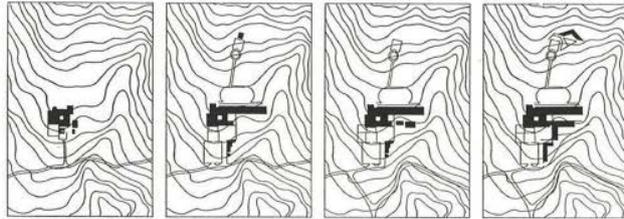


'Casa dos 24' (1995-2002)

A introdução de um novo programa
num edifício antigo





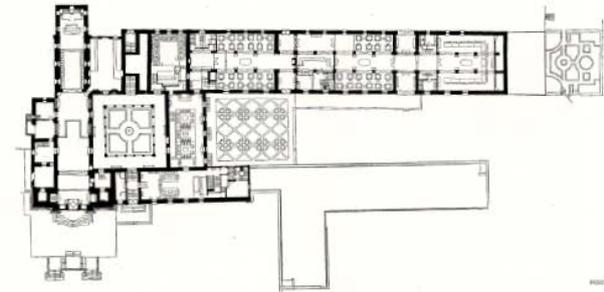
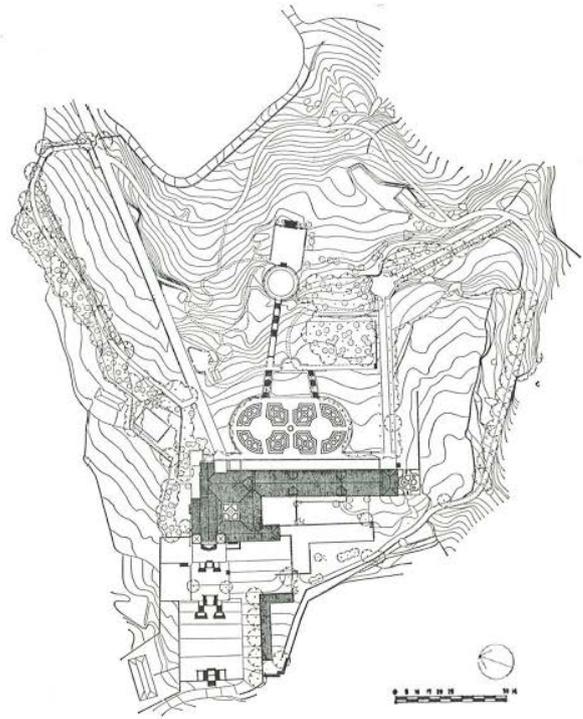


século XVI

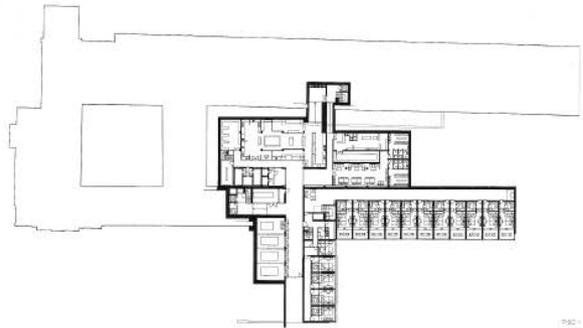
século XVIII

1912

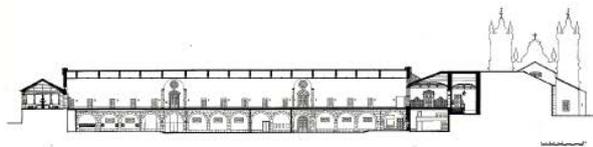
1985



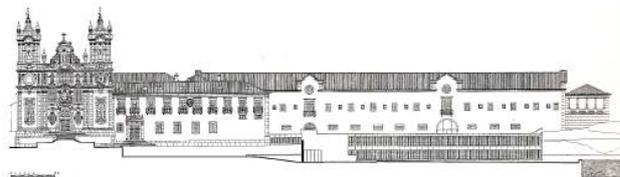
1985



1985



1985



1985



CASA EM PARDELHAS (1994-1999)

Um projecto de bengala

Localização e Pré-existência





PERCURSO *entre as casas*

área verde

caminho

beco sem saída

eira

estreito

passagem

pérgola

pia

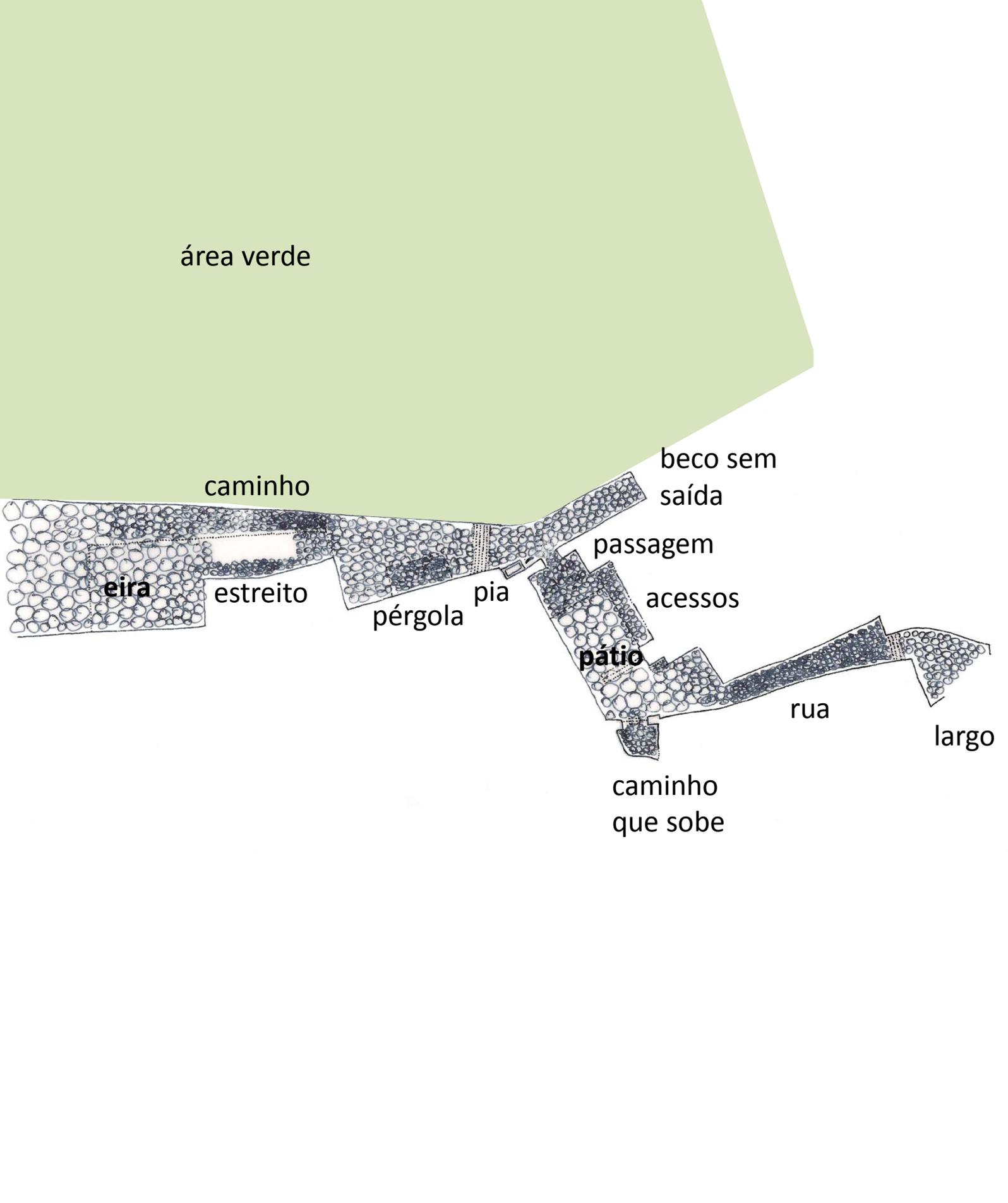
acessos

pátio

rua

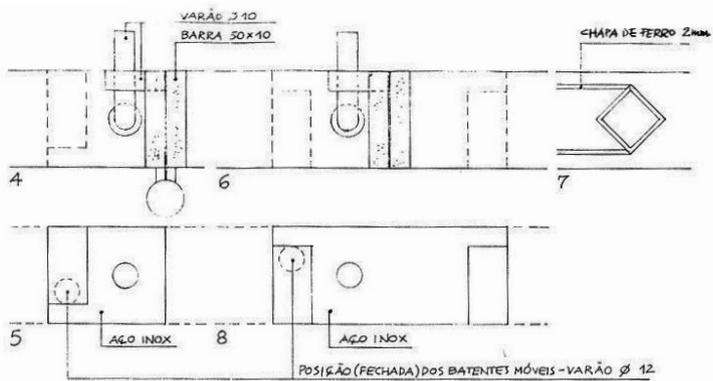
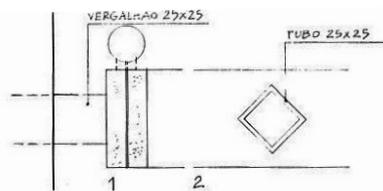
largo

caminho que sobe

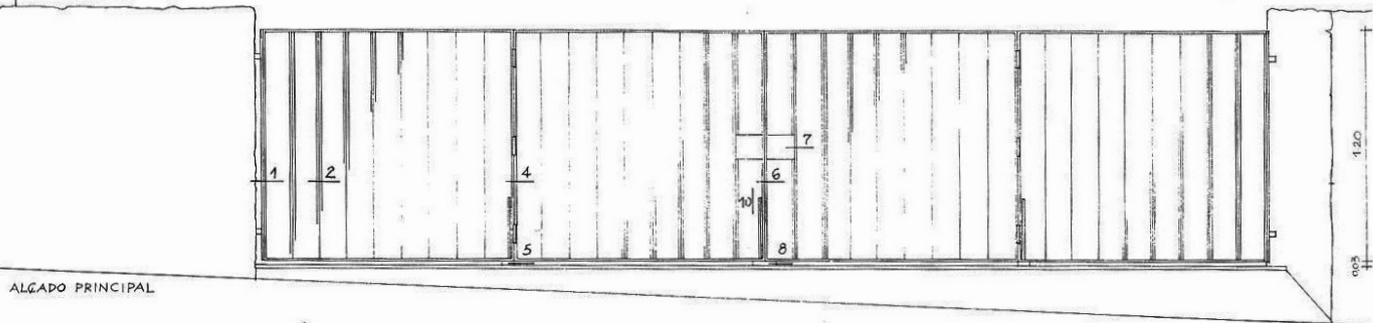
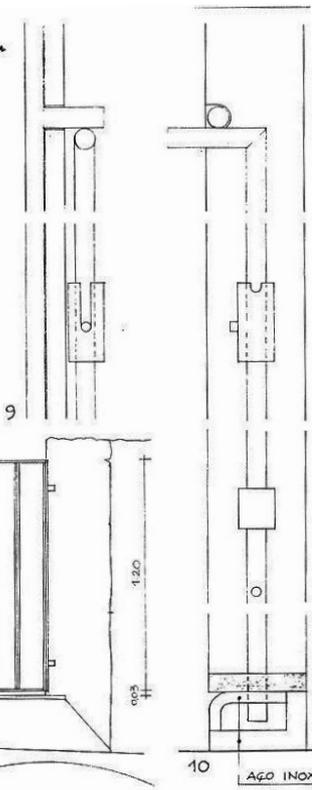




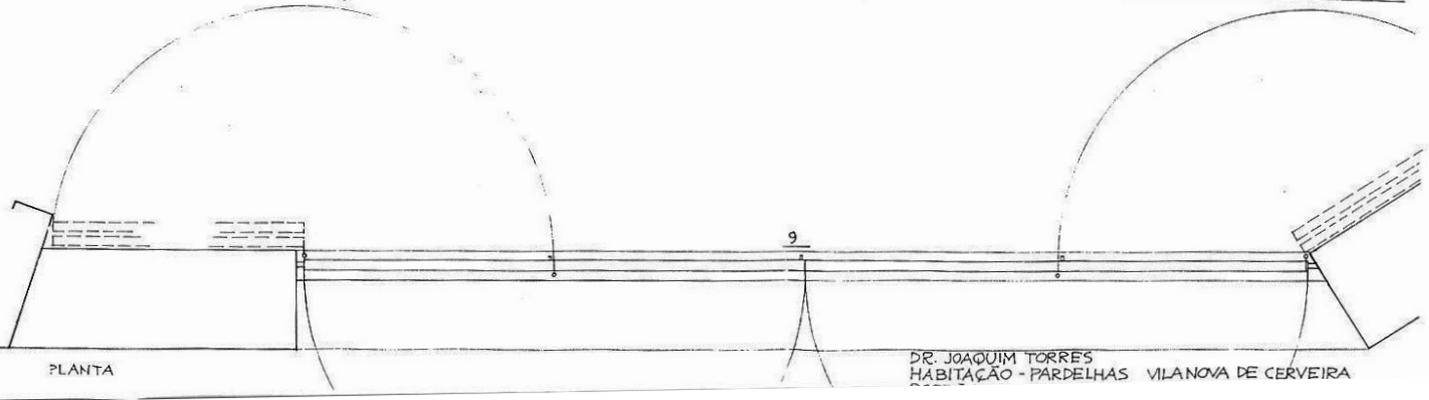




POSICÃO (FECHADA) DOS BATENTES MÓVEIS - VARÃO Ø 12



ALÇADO PRINCIPAL

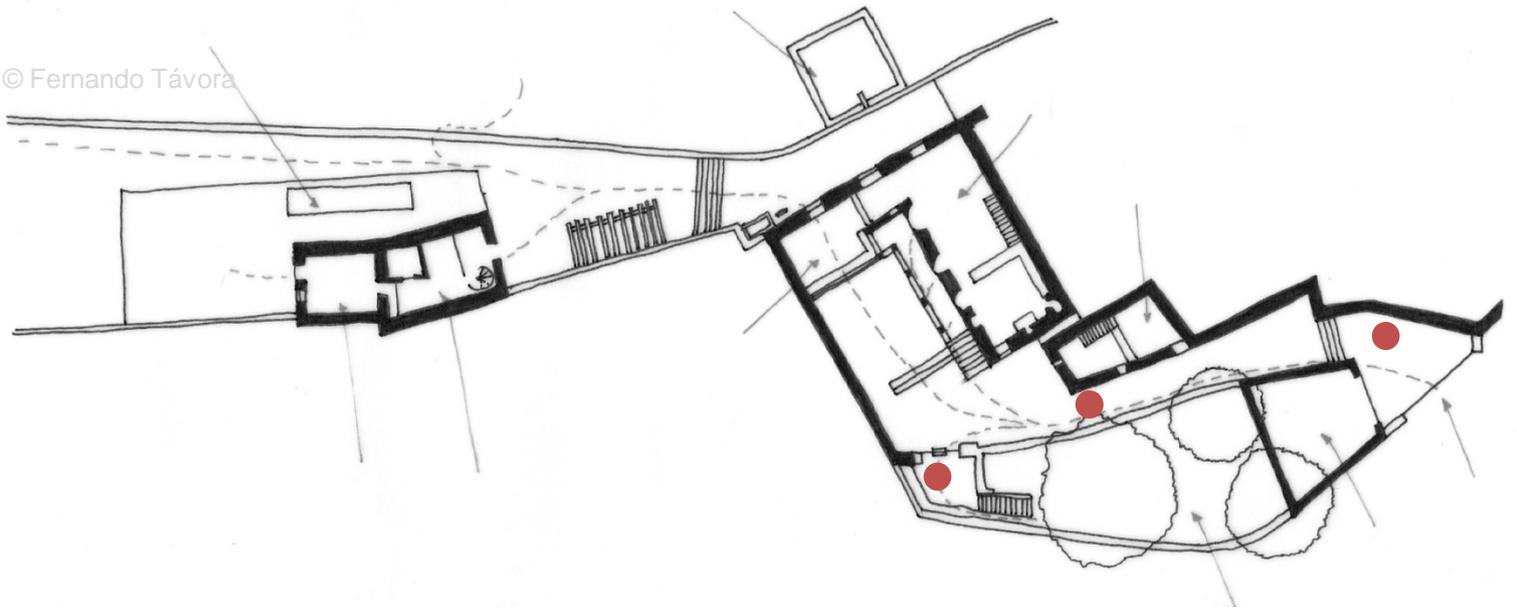


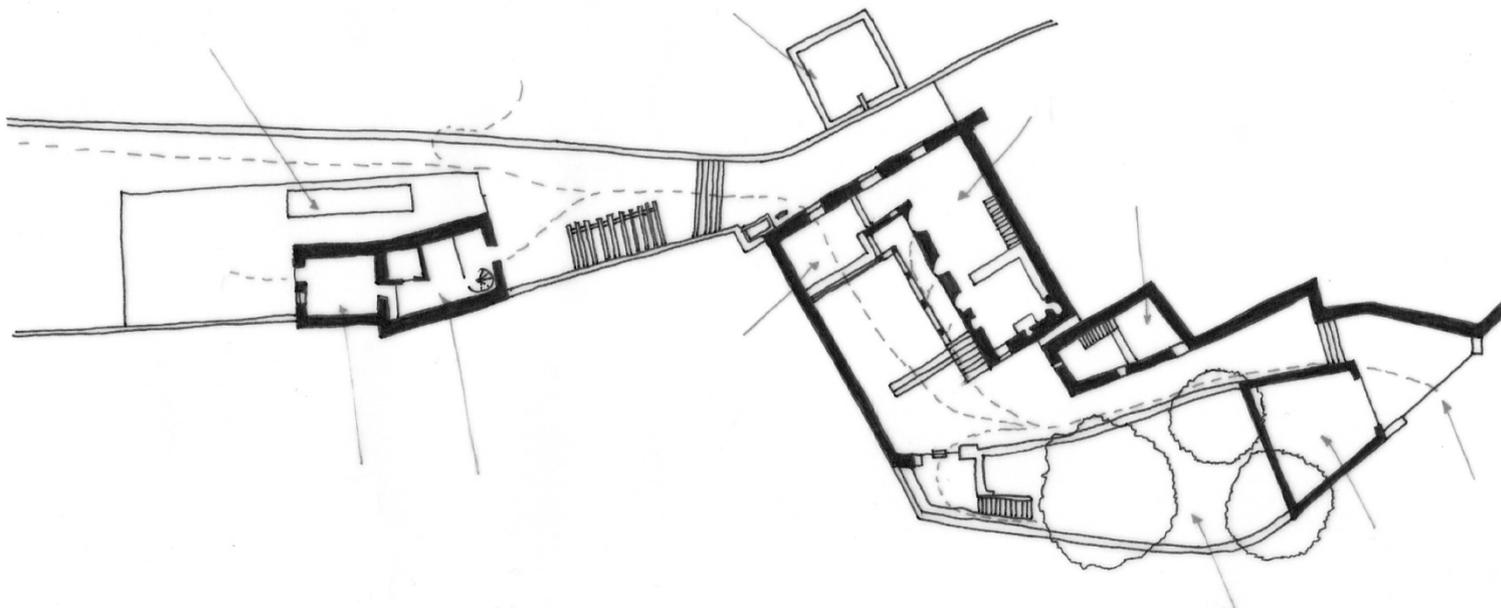
PLANTA

DR. JOAQUIM TORRES
HABITAÇÃO - PARDELHAS VILANOVA DE CERVEIRA

F. TÁVORA, ARQ.
MAIO 1998

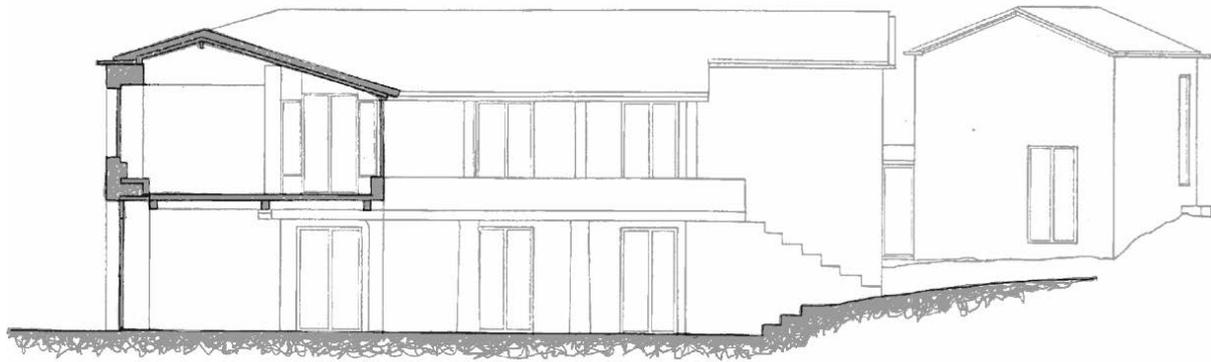
© Fernando Távora



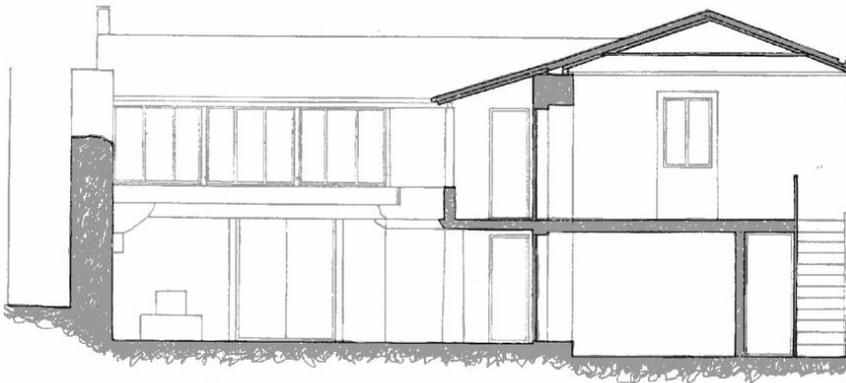


“(...) é uma autêntica sala ao ar livre.
Por ela se tem acesso a tudo e para ela dão
todas as portas.”

BARROSO, Fernando, *Entrevista a Fernando Barroso*, Lisboa, 7 de Julho 2010

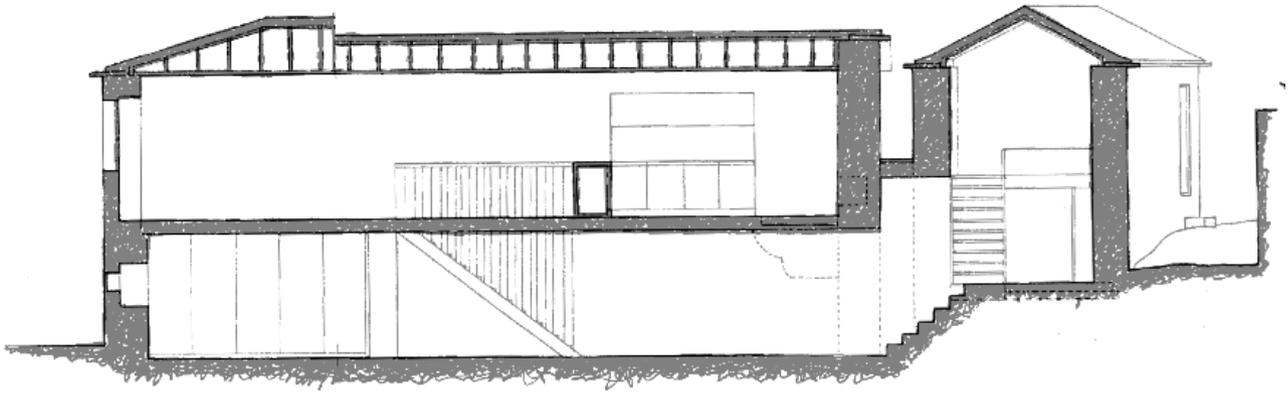


corte 1

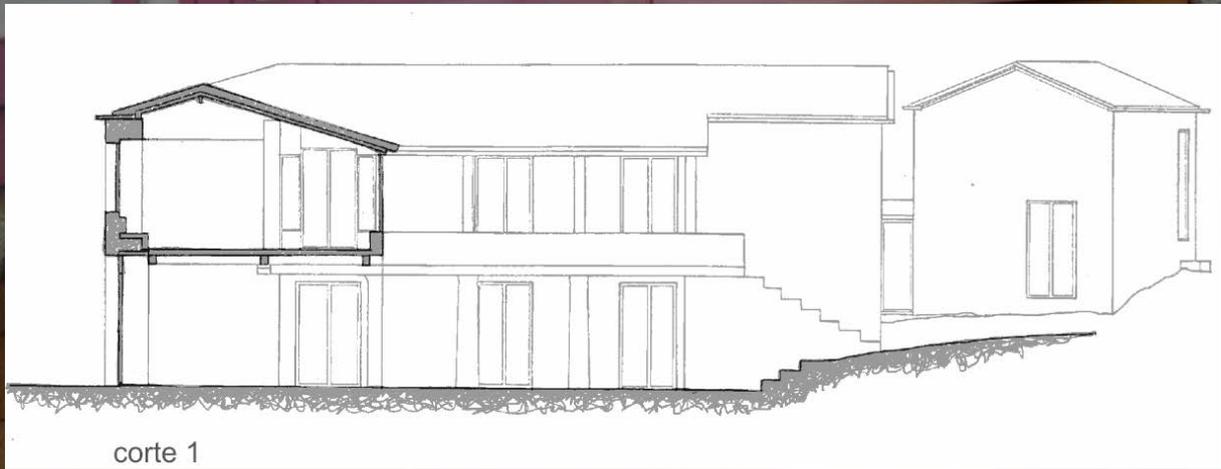
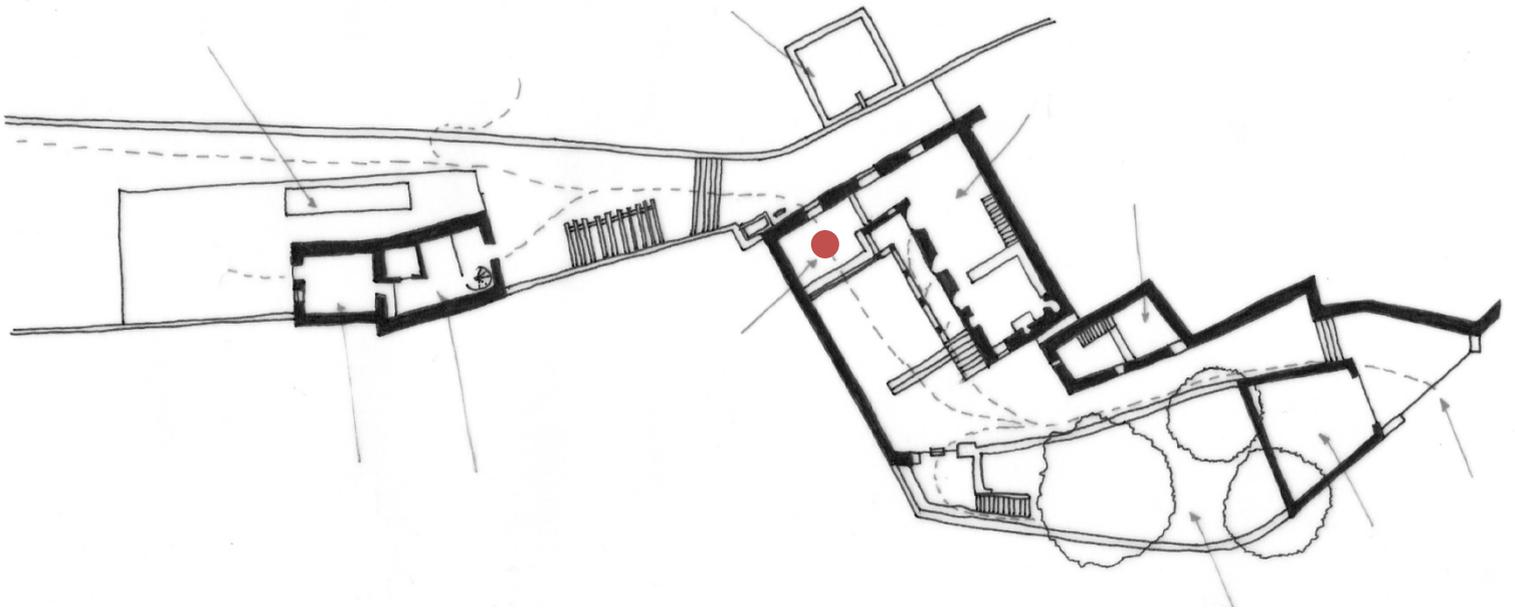


corte 2

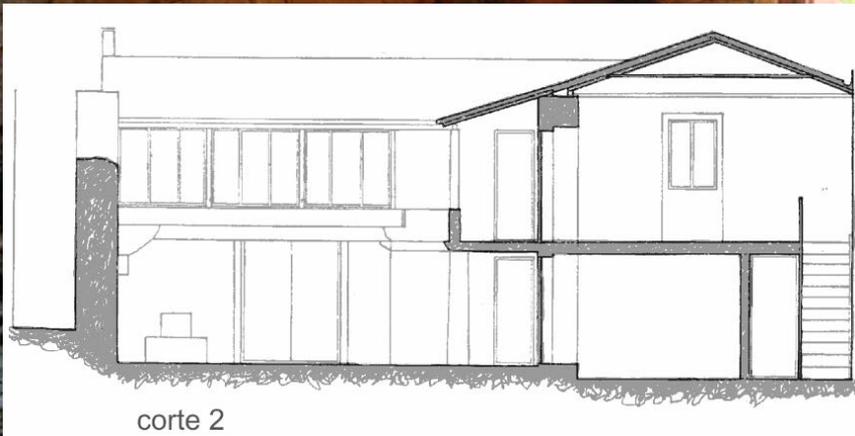




corte 3

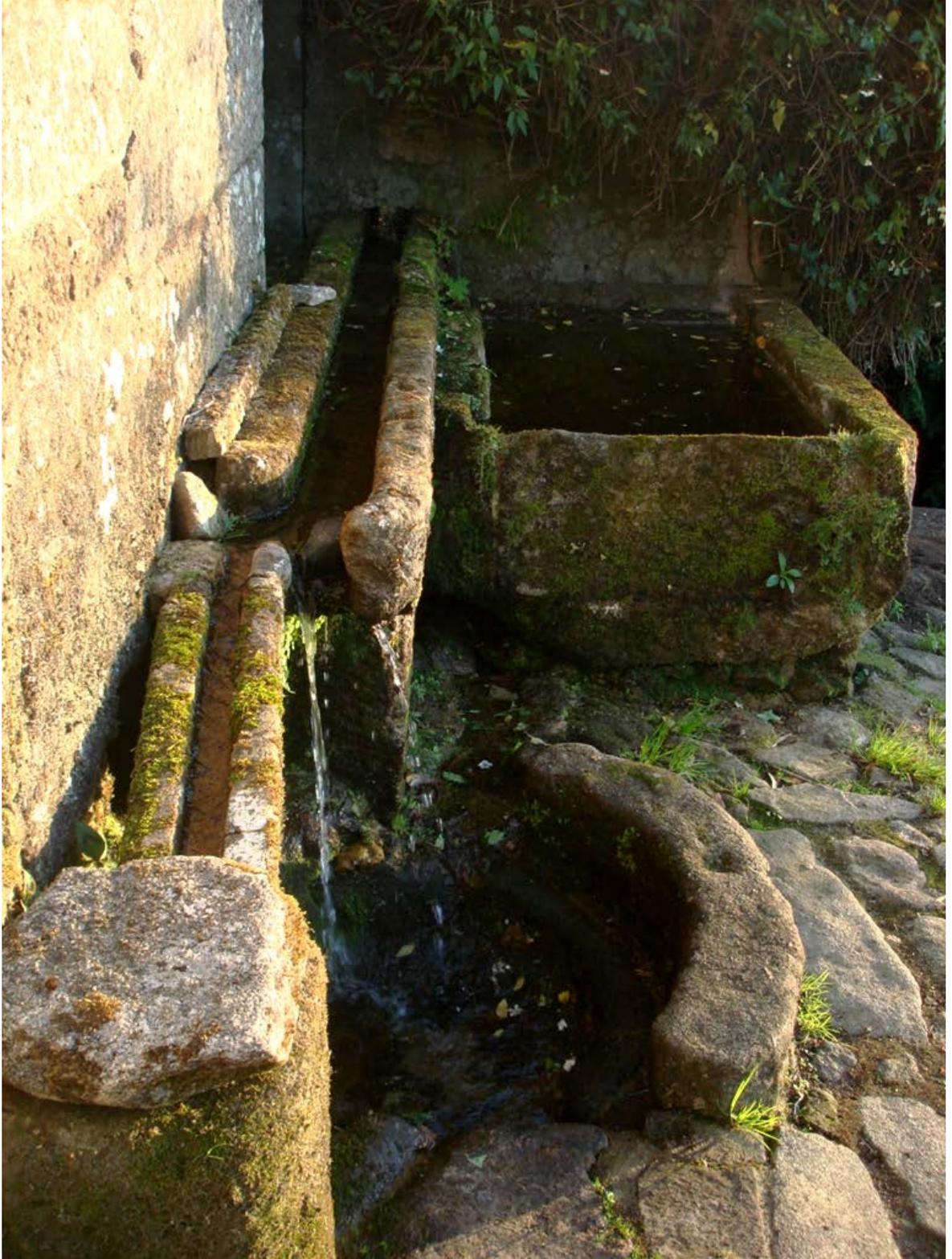


corte 1



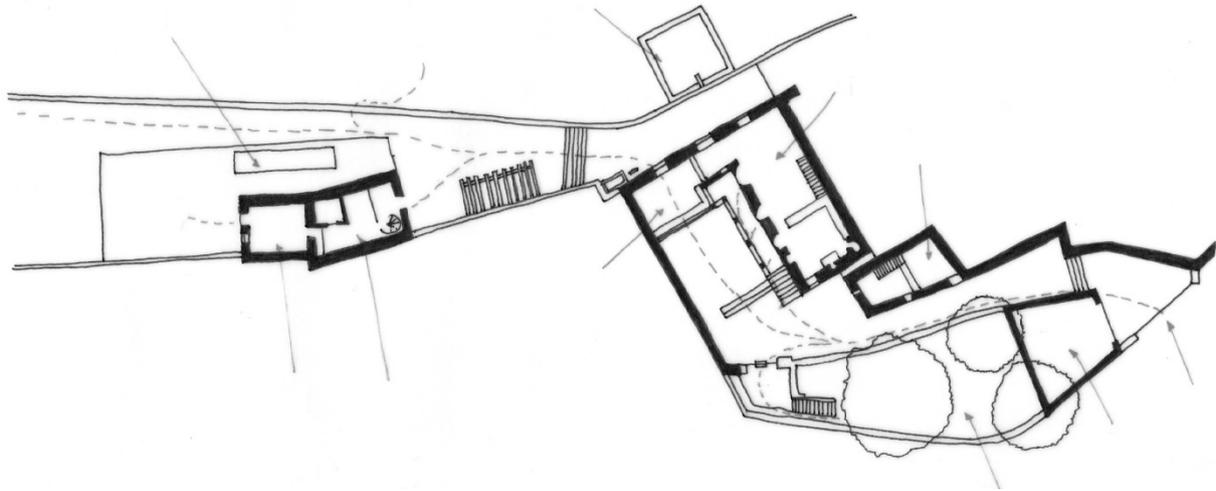
corte 2











Ampliação

“Se fosse tudo plano, na fachada que dá para o pátio, seria uma coisa pesada. Foram então criadas sombras.”

PACHECO, Pedro, *Entrevista a Pedro Pacheco*, 2010



“Para Távora, a galeria foi óbvia, o volume suspenso também, estavam lá os cachorros para receber qualquer coisa...”

PACHECO, Pedro, *Entrevista a Pedro Pacheco*, Lisboa, 4 de Junho 2010



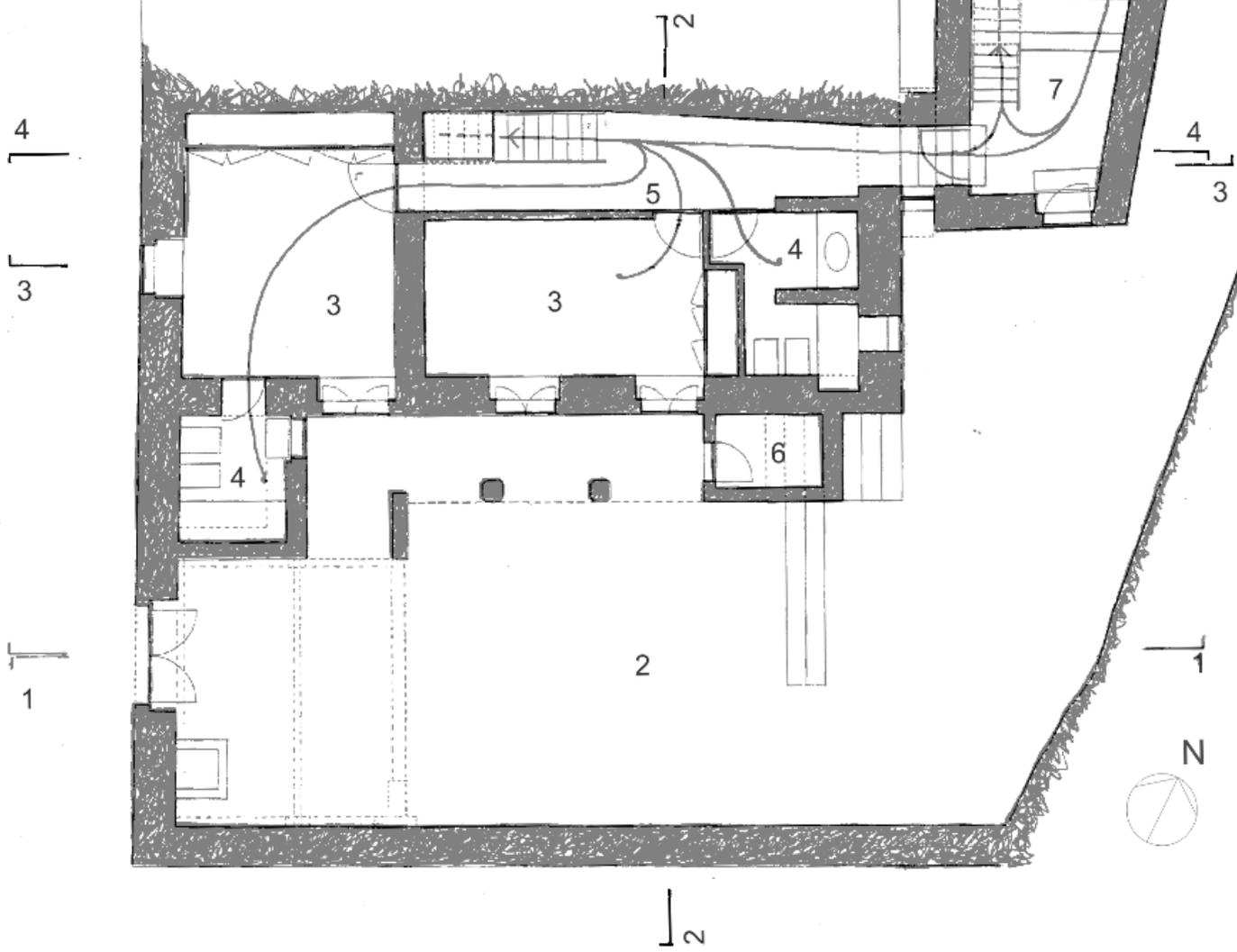


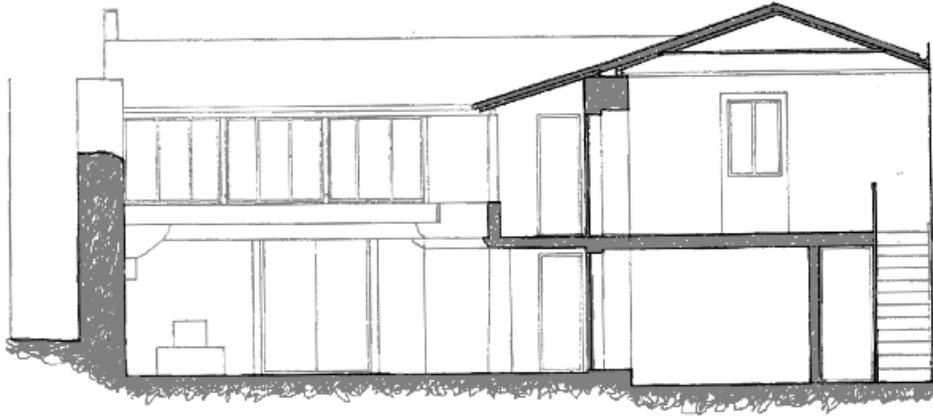


PROGRAMA

Piso 0

- 1 caminho/entrada
- 2 pátio exterior
- 3 quarto
- 4 quarto de banho
- 5 corredor
- 6 arrumos
- 7 sala anexo





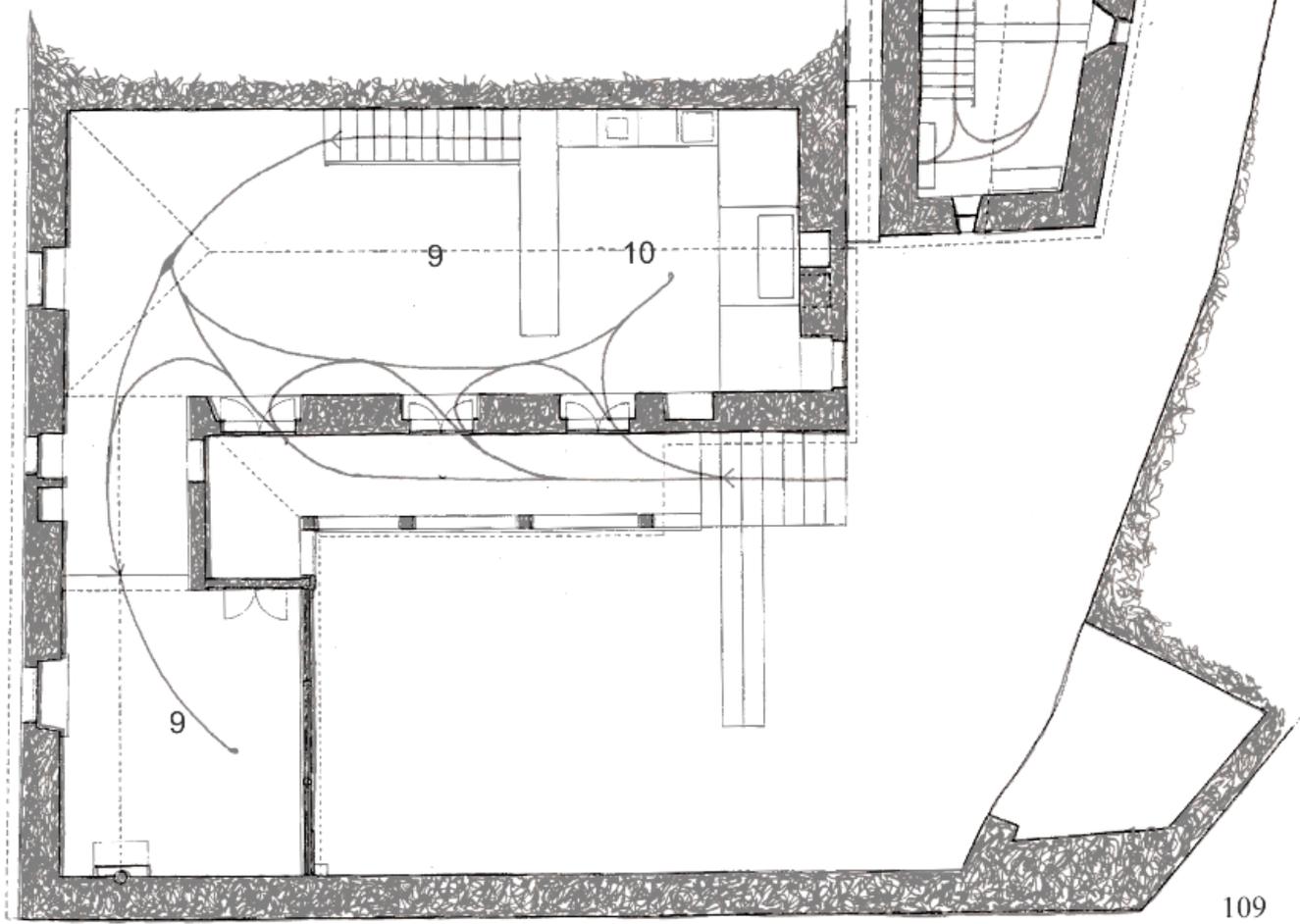
corte 2

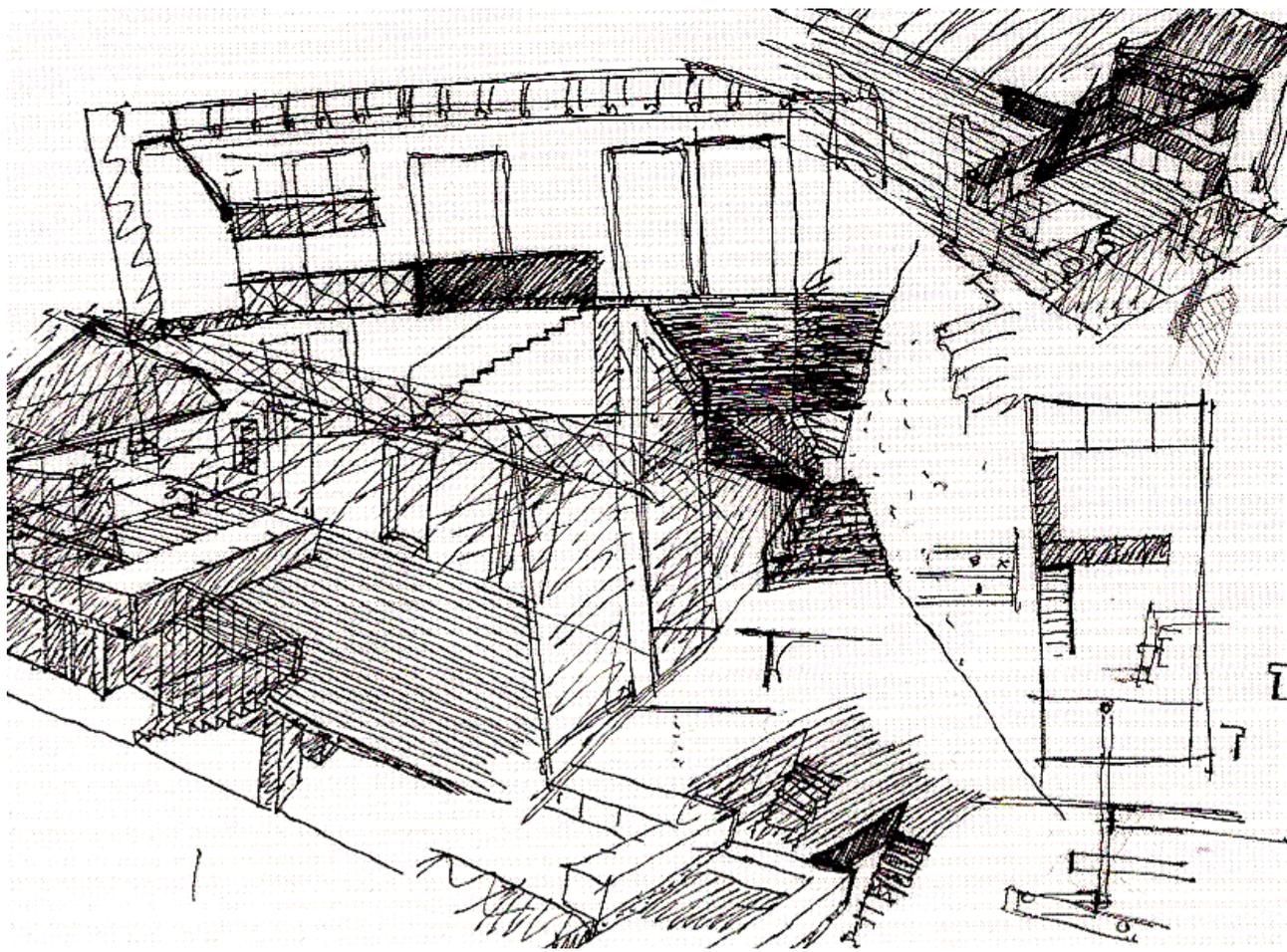




Piso 0

- 8 varanda
- 9 sala
- 10 cozinha
- 11 quarto



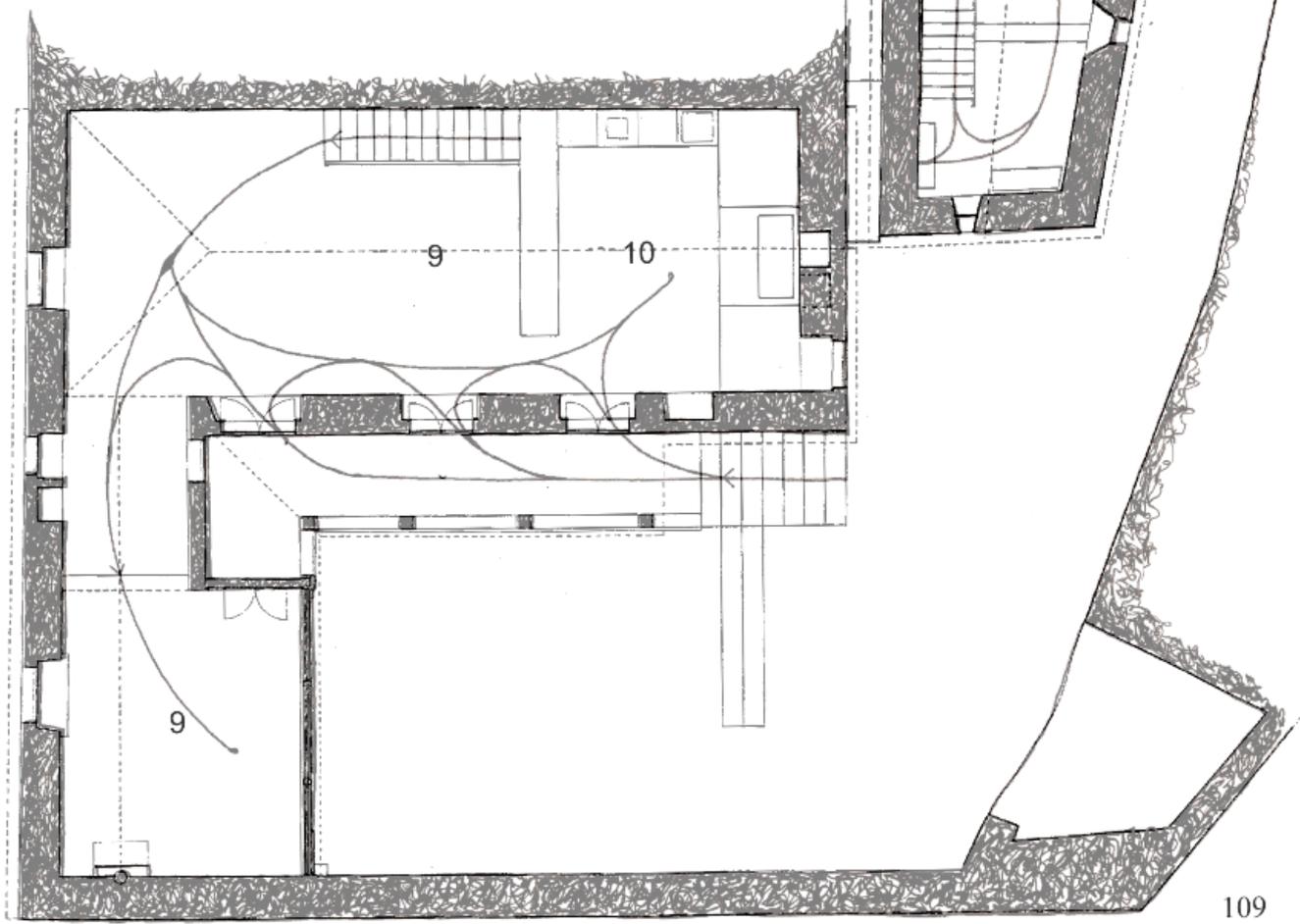




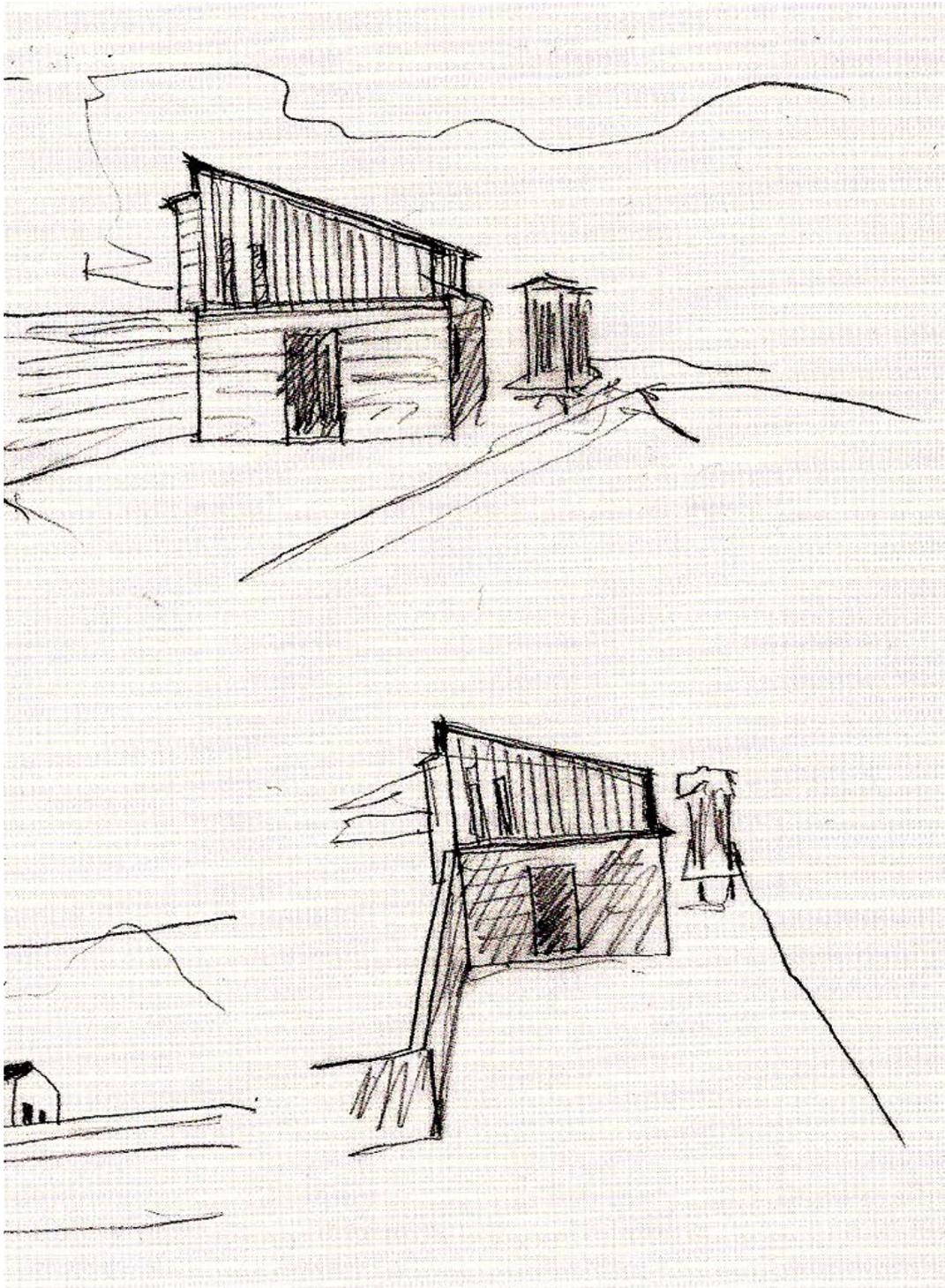


Piso 0

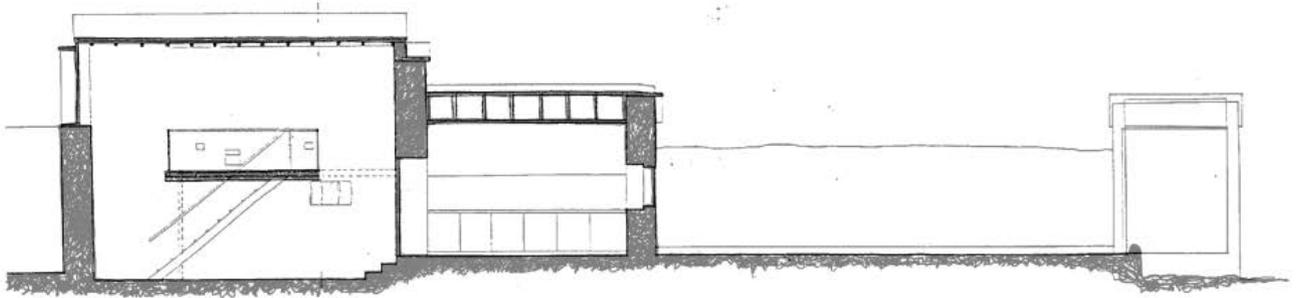
- 8 varanda
- 9 sala
- 10 cozinha
- 11 quarto



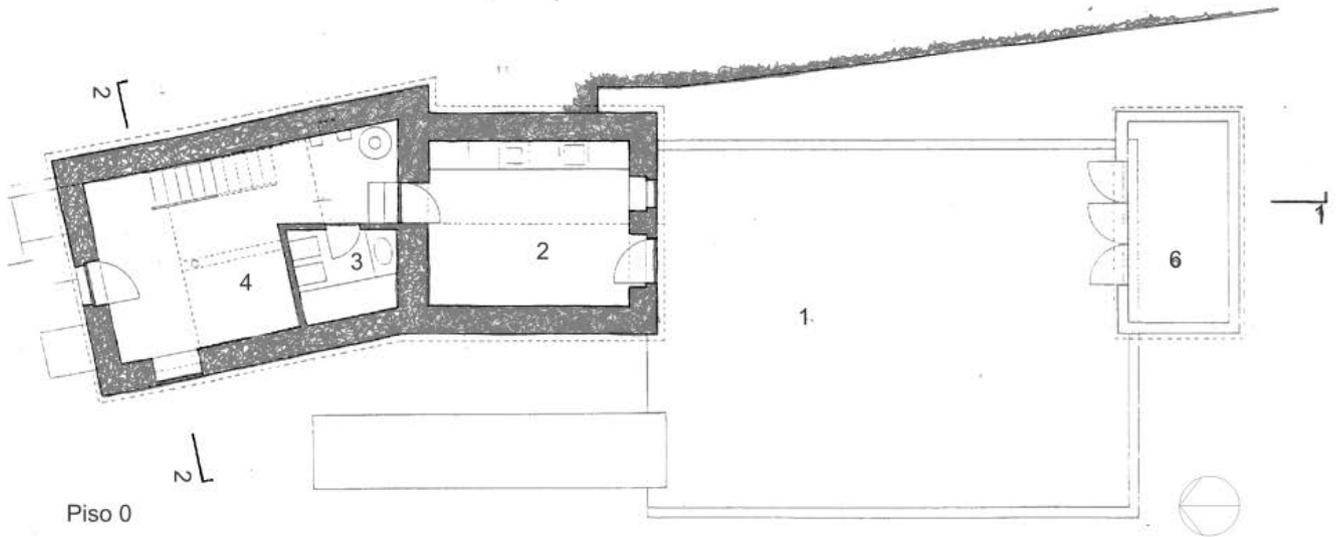






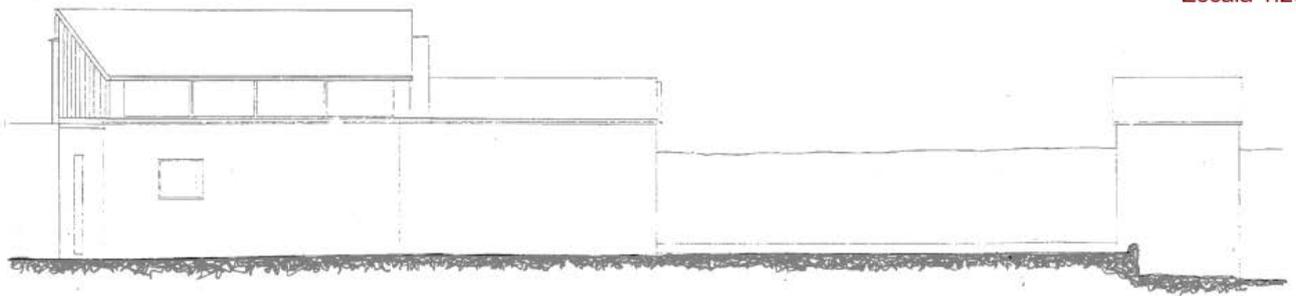


corte 1



Piso 0

Escala 1:200



alçado Poente

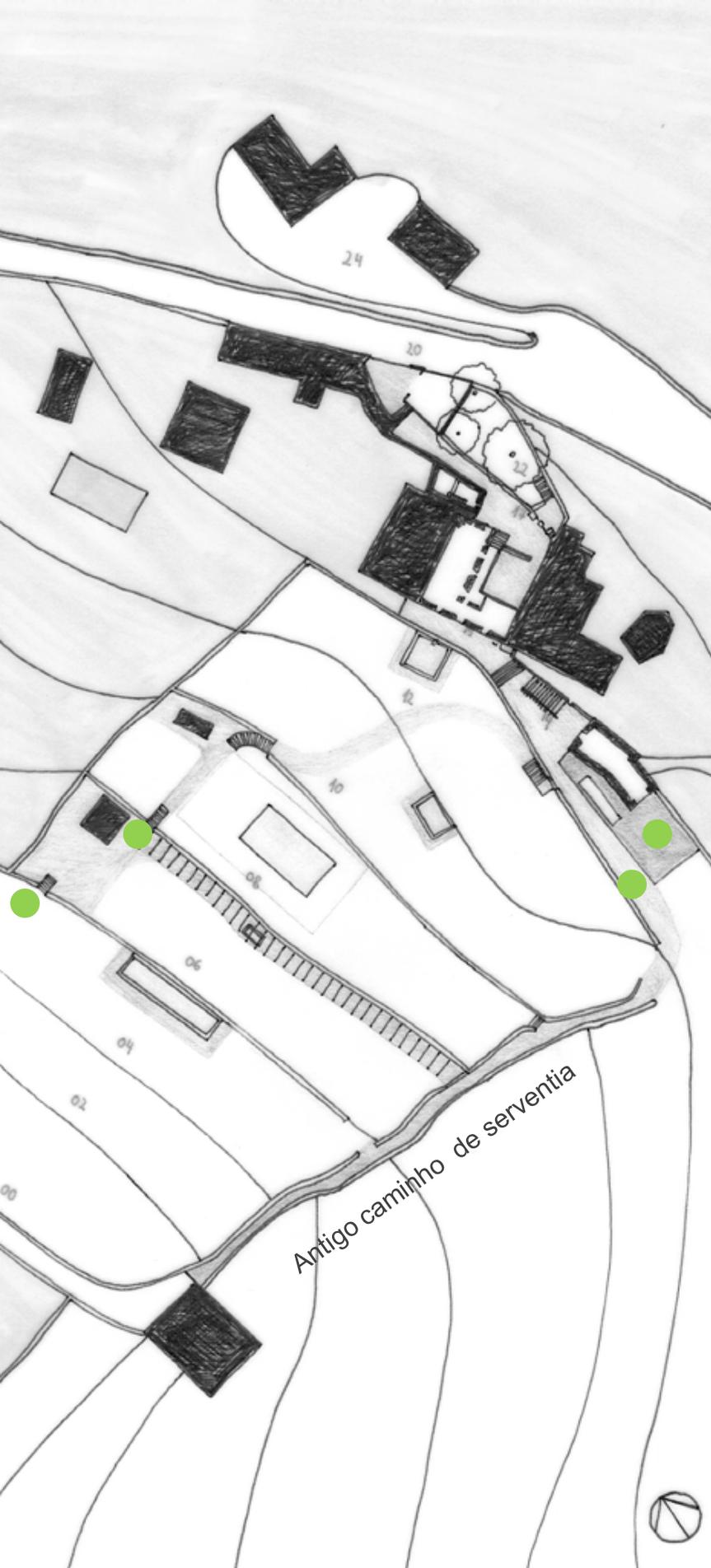












“O que se pedia era uma casa de férias a pensar também nos filhos e netos, nessa perspectiva, de ser uma casa familiar.”

PACHECO, Pedro, *Entrevista a Pedro Pacheco*, Lisboa, 4 de Junho 2010



Antigo caminho de serventia

DETALHE

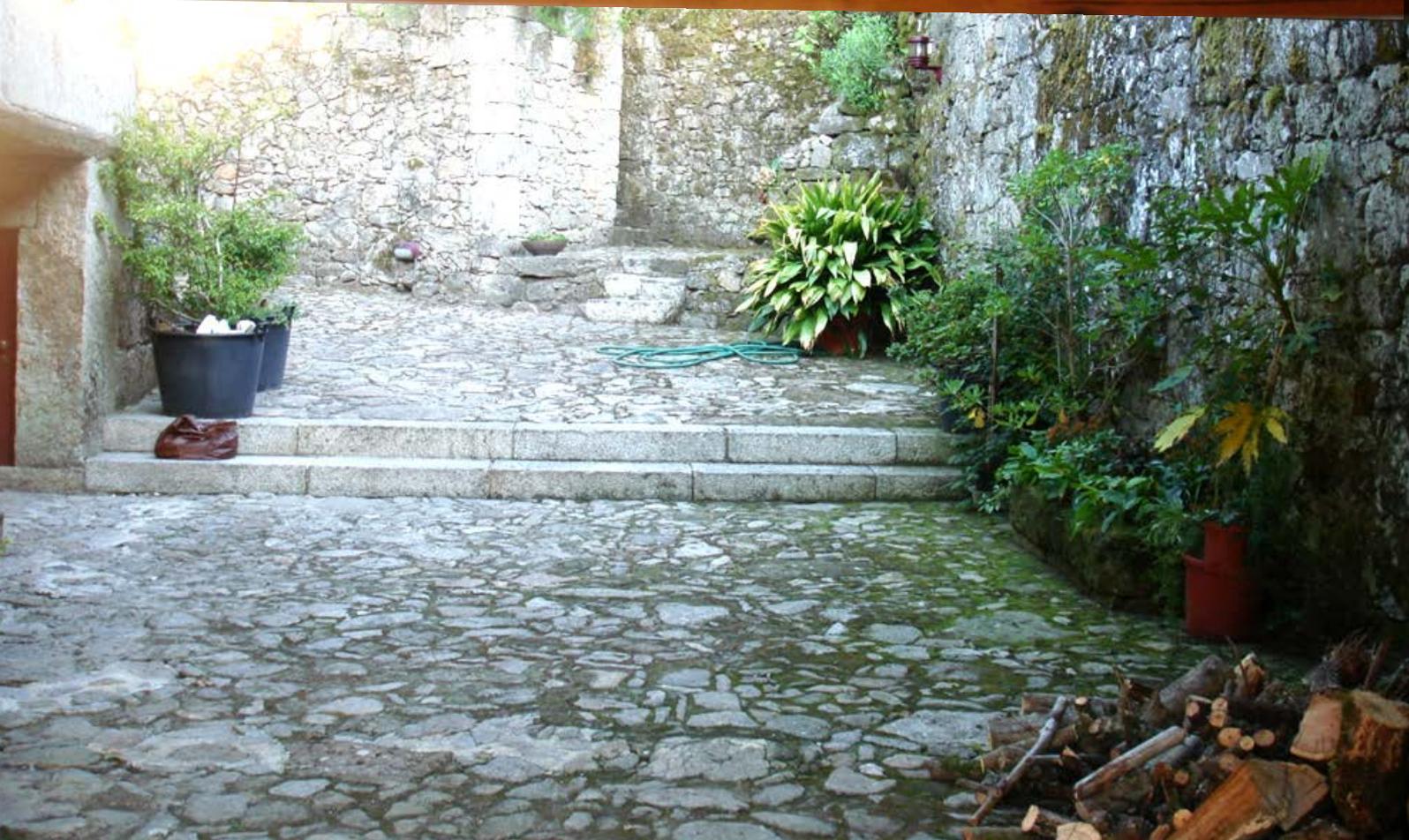
“O início de cada problema era o início de um estudo. Claro que beneficiávamos de experiências anteriores”

BARROSO, Fernando, *Entrevista a Fernando Barroso*, Lisboa, 7 de Julho 2010



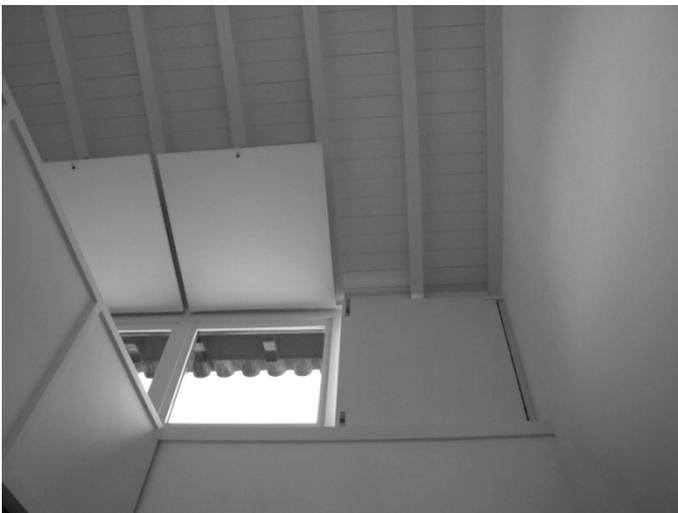






“A recuperação dos telhados é feita com o sistema tradicional, um telhado de madeira...”

PACHECO, Pedro, *Entrevista a Pedro Pacheco*, Lisboa, 4 de Junho 2010

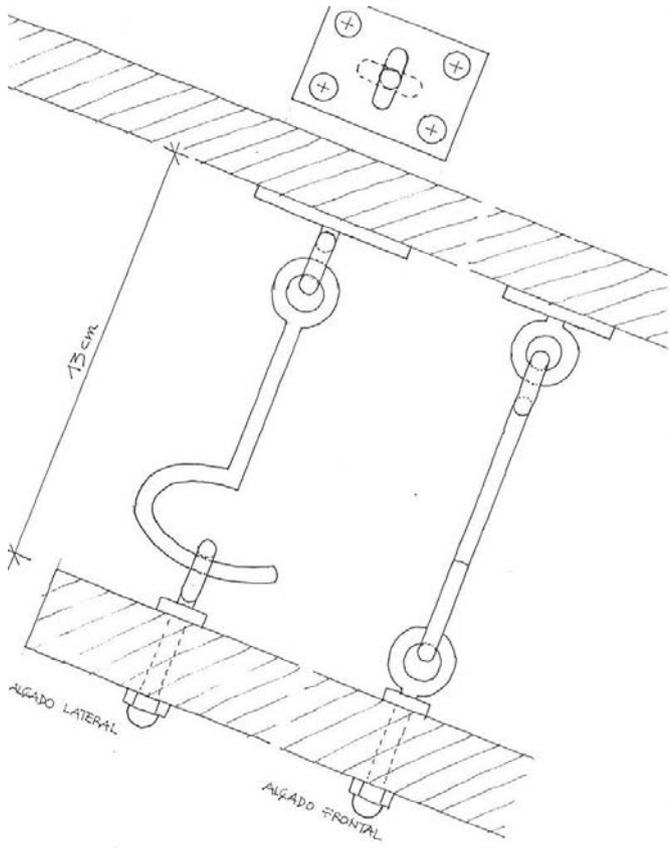


“As portadas aqui eram demasiado perturbantes para a vivência do espaço. Decidiu-se rebater as portadas para cima, o que permitiu fazer um banco de madeira contínuo a toda a volta.”

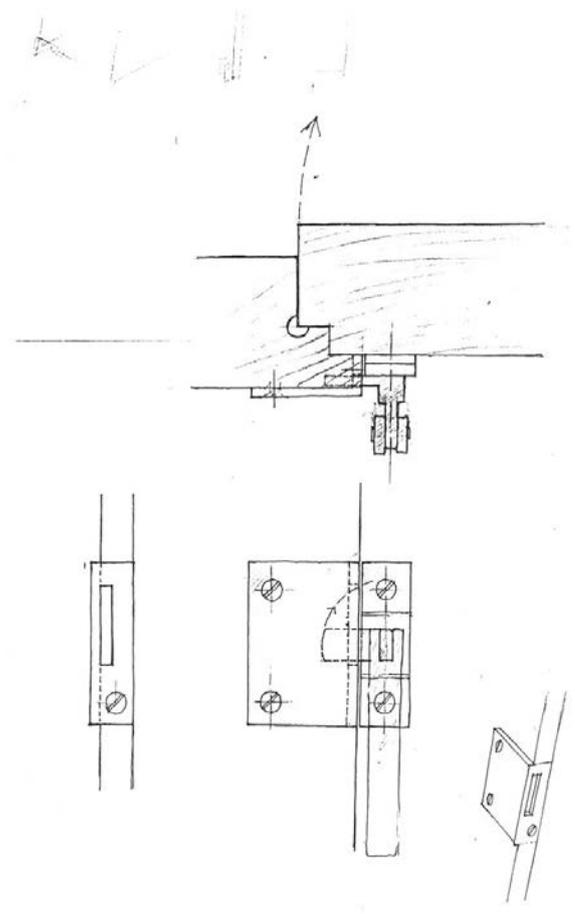
BARROSO, Fernando, *Entrevista a Fernando Barroso*, Lisboa, 7 de Julho 2010







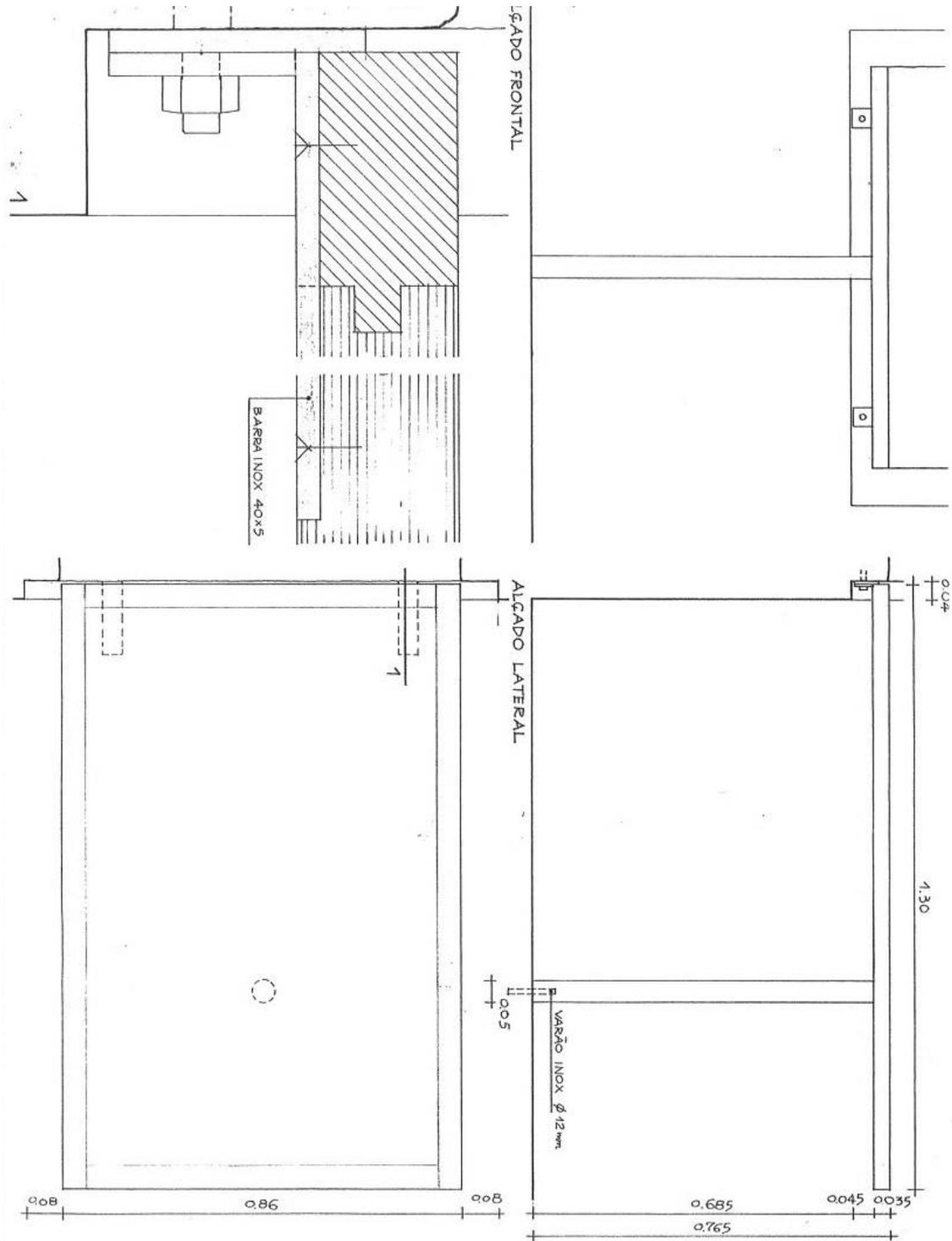
MAR 98





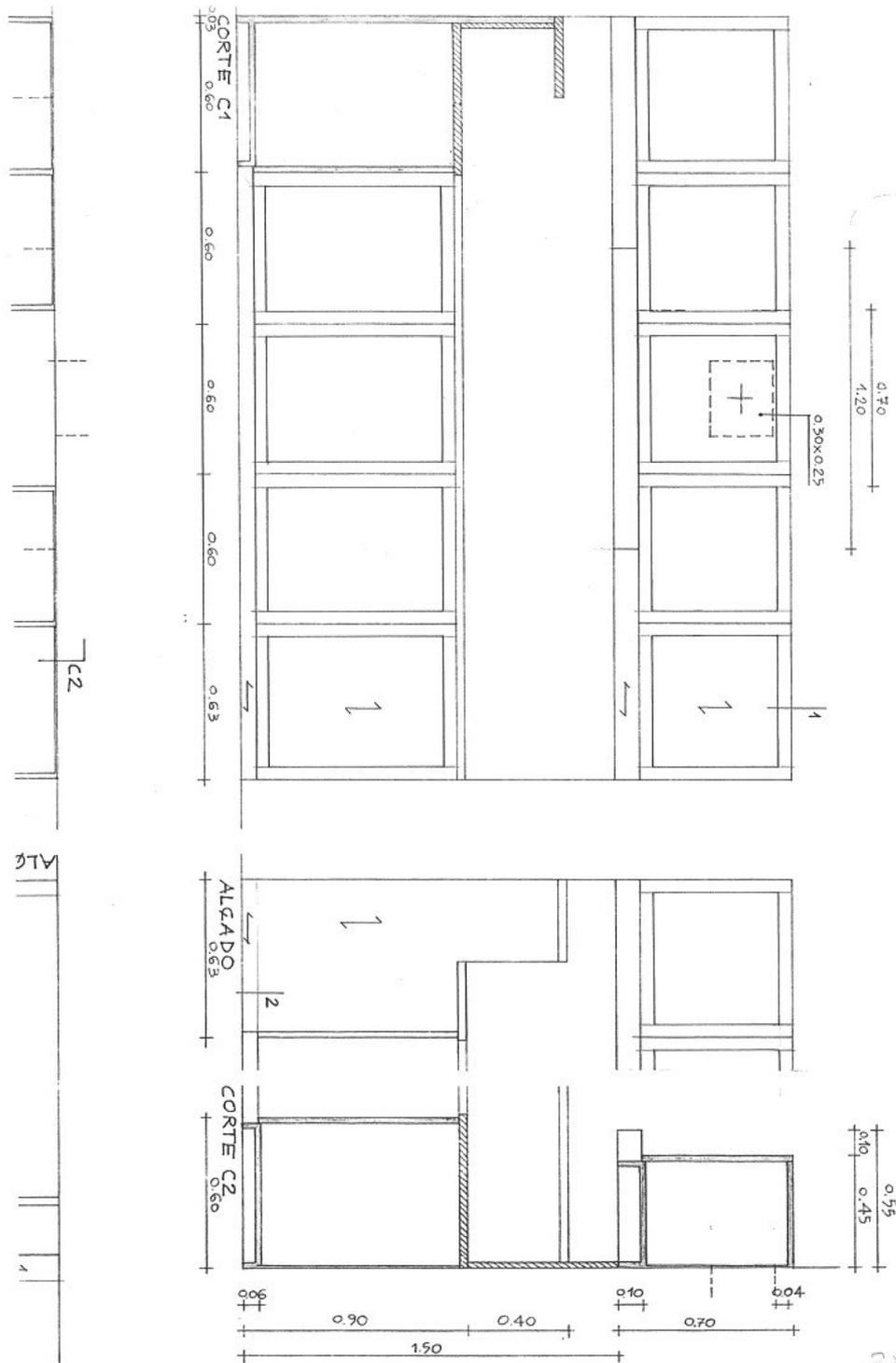






DR. JOAQUIM TORRES
 HABITAÇÃO - PARDELHAS VILA NOVA DE CERVEIRA
 COZINHA 1 - MESA FIXA

FTÁVORA, ARQ.
 OUT. 1998
 ESCALA 1:10, 1:1



DR. JOAQUIM TORRES
 HABITAÇÃO - PARDELHÁS VILA NOVA DE CERVEIRA
 COZINHA 1

272
 F. TÁVORA, ARQ.
 OUT. 1998
 ESCALA 1:20,

METODOLOGIA



“Távora ia à obra e fazia os desenhos no local, esquiços. ... relação directa com o local, é construir no local.”

PACHECO, Pedro, *Entrevista a Pedro Pacheco*, Lisboa, 4 de Junho 2010

“um processo sinuoso e flexível e não um projecto de estirador, foi um método de homem apaixonado e não de frio tecnocrata, foi um desenho de gesto mais do que um desenho no papel” Fernando Távora





© Alessandra Chemollo & Fulvio Orsenigo



“Feitos os primeiros esquiços sobre um levantamento sumário, contratado um pequeno empreiteiro local dominando as técnicas de construção tradicionais, utilizada a experiência de projecto pouco 'ortodoxo', rapidamente se iniciaram os trabalhos de recuperação.”

TÁVORA, Fernando, “Casa de Férias em Briteiros”, *in* TRIGUEIROS, Luiz, *Fernando Távora, Lisboa: Editorial BLAU, LDA, 1993, pp.159*

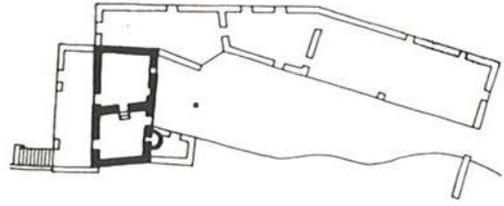
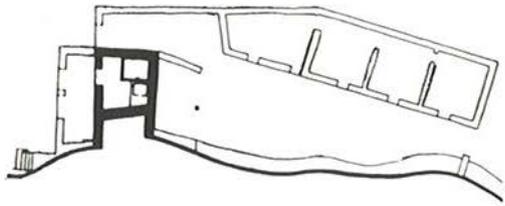




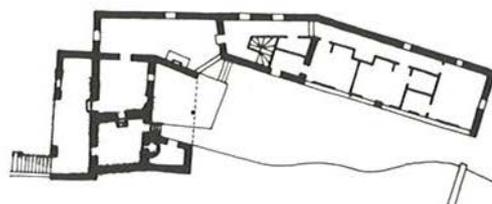
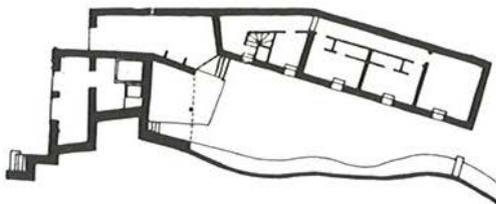
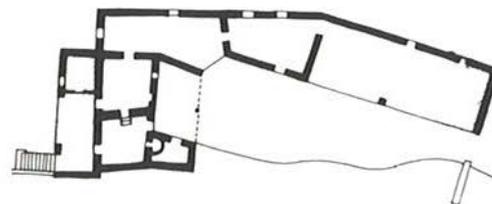
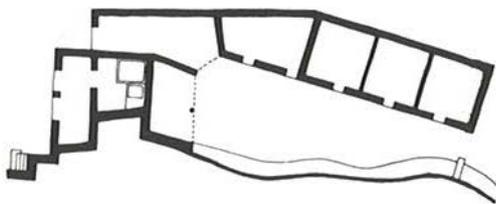
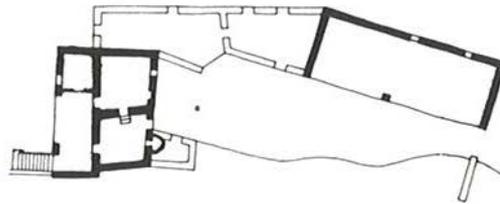
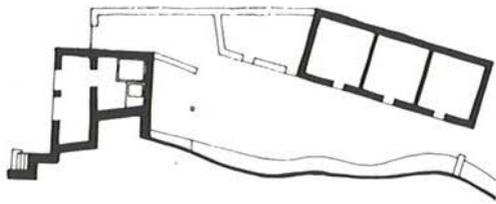
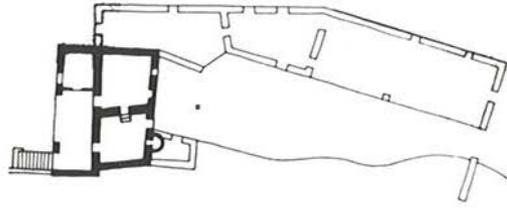
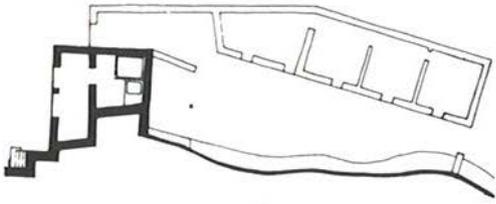


“(...) frequentes deslocações à obra onde ia tomando decisões circunstanciais, mas sempre assumidas com simultâneo esforço de manutenção da unidade de trabalho (...) procurando articular, permanentemente, o trabalho dos responsáveis pelas diversas 'artes'.”

FERRÃO, Bernardo, “Recuperação da Casa da Covilhã”, in *BECKER, Annette, TOSTÕES, Ana, WANG, Wilfried* (concepção e realização), *Arquitectura do Século XX – Portugal, Deutsches Architektur- Museum, Frankfurt, Centro Cultural de Belém, Lisboa, DAM Prestel, 1998, p.282*



C. 1650



1991



Casa da Covilhã
Fermentões, Guimarães



Casa da Cavada
Briteiros, Guimarães



Casa de Pardelhas
Sopo, Vila Nova de Cerveira

“este trabalho está completamente consolidado por toda a experiência que foi fazer o *Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa*, no Norte. Ao conhecer estas casas percebe-se que todas elas tem uma mesma lógica. O que é interessante é que, apesar de serem feitas por não-arquitectos, há muitas coisas recorrentes, constantes, que têm a ver com a forma de viver, com a forma de lidar com a relação homem e animal, do trabalho do campo. Há coisas que são constantes na arquitectura popular.”

“Não tem pudor nenhum em repor um elemento do passado(...) se é preciso repor uma parede e fazê-la como se fazia à 500 ou 400 anos atrás, e depois não se ver que foi feita agora, faz-se. (...) É uma leitura sem fundamentalismos no diálogo que se estabelece com as pré-existências. É sempre uma interpretação que é feita com uma grande liberdade. As coisas funcionam como um todo.”

“Nada existia quando [Távora viu] a casa [de Pardelhas] pela primeira vez, tudo a partir dali é uma construção de um novo cenário mas, como diz o Souto Moura, ‘...construído com as pedras do templo demolido’, ou seja, no fundo é construir com aquilo que já está lá, dar continuidade..”

PACHECO, Pedro, *Entrevista a Pedro Pacheco*, Lisboa, 4 de Junho 2010

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Continuidade



Ecletismo



Clarificação do existente



Parcimónia



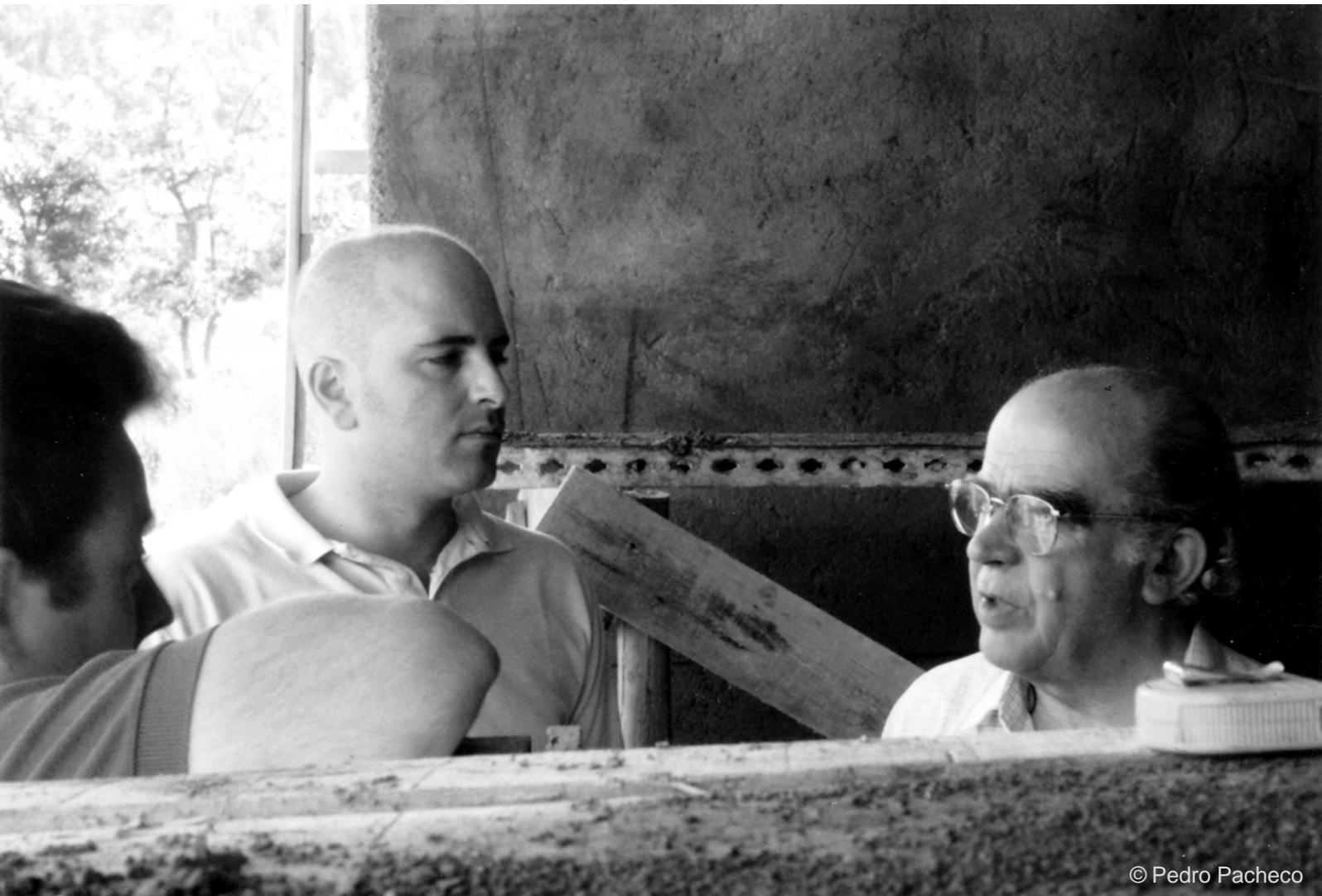
Utilização de Sistemas construtivos tradicionais



Memória



Arquitectura de bengala

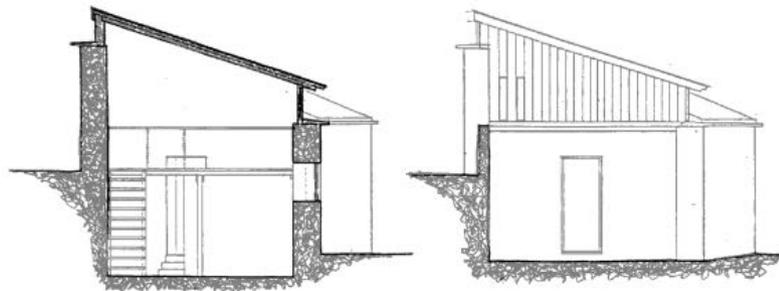






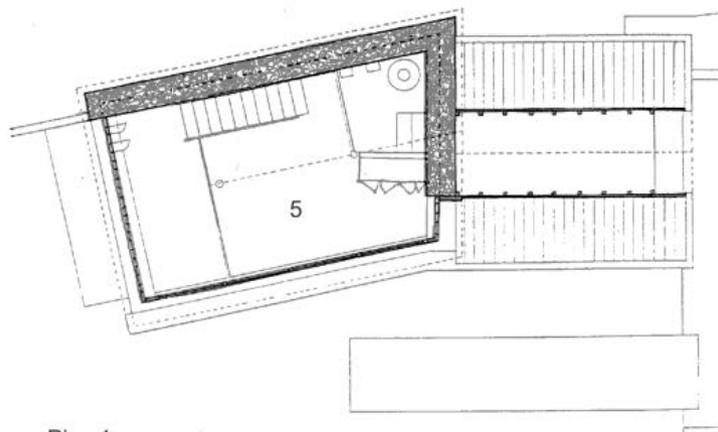
“(...) inserir dialecticamente a sua arquitectura num processo formal contínuo e temporalmente extenso, dominando criativamente as invariantes deste processo, à semelhança do ocorrido ao longo da história das nossas construções, religiosas e civis, rurais e urbanas, sucessivamente transformadas e enriquecidas através de novas contribuições que mantêm, em cada caso, um espírito comum.”

FERRÃO, Bernardo José, “Tradição e Modernidade na Obra de Távora 1947/1987”, in TRIGUEIROS, Luiz, *Fernando Távora*, Lisboa: Editorial BLAU, LDA, 1993, p.44



corte 2

alçado Norte



Piso 1

Escala 1:200

Piso 0 e 1

- 1 eira
- 2 cozinha
- 3 quarto de banho
- 4 quarto
- 5 sala
- 6 arrumos [não construído]

“A mesa, os bancos, - o dono da casa queria um banco que se pudesse abrir para guardar coisas no seu interior, - e os armários embutidos nos quartos. Tudo isto foi mobiliário desenhado propositadamente para a Casa de Pardelhas, tal como o balcão que separa a cozinha da sala, no volume principal.”

BARROSO, Fernando, *Entrevista a Fernando Barroso*, Lisboa, 7 de Julho 2010

